



Pedro tem catorze anos, perdeu o pai quando era criança e recebe a notícia de que sua mãe não sobreviveu a um acidente de carro. Só lhe resta morar com o tio, que o proíbe de ir ao enterro da mãe e até mesmo de visitar seu túmulo. Desconfiado, Pedro acredita que estão lhe escondendo alguma coisa e resolve dar uma de detetive.

Em busca da verdade — e com ajuda da amiga Marina —, Pedro revira a intimidade do tio, resgata momentos decisivos que viveu com a mãe e descobre segredos que vão influenciar toda a sua vida.

A DISTÂNCIA DAS COISAS • FLÁVIO CARNEIRO



BARCO
A VAPOR

A distância das coisas

Flávio Carneiro

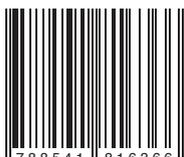


PRÊMIO
BARCO
A VAPOR



1 7 9 0 7 1

ISBN 978-85-418-1636-6



9 788541 816366



BARCO
A VAPOR

A distância das coisas

Flávio Carneiro



© Flávio Carneiro, 2007

Coordenação editorial: Maísa Kawata
Preparação: Rodrigo Villela
Revisão: Carla Mello Moreira e Marcia Menin

Edição de arte: Natalia Zapella
Ilustração de capa: Andrés Sandoval
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carneiro, Flávio

A distância das coisas / Flávio Carneiro. — 2. ed. — São Paulo:
Edições SM, 2016. — (barco a vapor)

ISBN 978-85-418-1636-6

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

16-08047

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

1ª edição 2008

2ª edição 2016

0ª impressão 2020

Todos os direitos reservados à

SM EDUCAÇÃO

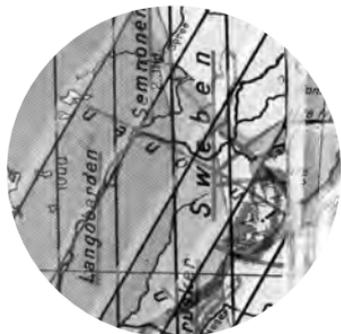
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.grupo-sm.com/br

Para Angélica



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 1

É IMPORTANTE saber por que certas coisas são o que são. Quer dizer, saber por que acontecem de um jeito e não de outro.

O arco-íris, por exemplo. O arco-íris pode parecer muito estranho se você não sabe que ele é apenas o resultado da luz do sol brilhando num punhado de gotas de chuva. Tudo bem, mesmo sabendo disso ele continua sendo meio estranho, mas pelo menos é um estranho com motivo.

E é preciso comparar, sempre. É o que eu acho mais importante na vida, se você realmente quer ser um cara que entende algumas coisas.

Por exemplo: eu. Vários garotos no mundo têm catorze anos, sou apenas um deles. E se você pensar na história da humanidade, vai concluir que já existiram trilhões de garotos de catorze anos. E nenhum, olha só, nenhum deles era ou é igual a outro. Nem os gêmeos são completamente iguais.

Sem comparar, você nunca vai conhecer muito bem um garoto de catorze anos, é o que estou querendo dizer. Assim como jamais vai entender o que é o arco-íris.

Basta pensar que o arco-íris, na verdade, não existe

em um lugar específico do céu. É ilusão de ótica. As gotas de chuva refratam e refletem a luz do sol do mesmo jeito, mas apenas algumas chegam até você. As gotas que você vê são o arco-íris. Dependendo de onde você está, você o enxerga de um jeito ou de outro. Isso significa que não existe um único arco-íris, mas vários, cada um visto por um observador diferente.

Tem outra coisa: o arco-íris pode mudar de tamanho mesmo que você não saia do lugar, mesmo que fique parado feito uma estátua. Isso porque nosso cérebro é muito limitado e só consegue enxergar dentro de certo ângulo. A verdade é que nosso cérebro não dá conta do arco-íris.

Caso você ainda não esteja convencido, lembre-se de que algumas pessoas só imaginam a existência de um arco-íris de cada vez. Mas existem arco-íris duplos, dois arcos no céu ao mesmo tempo, a alguma distância um do outro. E no segundo deles a ordem das cores é invertida com relação ao primeiro, vai do azul para o vermelho. São raros, mas existem. E nem vou falar dos triplos.

Então você nunca vai poder descrever exatamente a imagem de um arco-íris, a não ser que faça comparações. Por isso é preciso comparar. Para não perder o sentido das coisas.

• • •

Meu pai morreu num acidente de carro quando eu tinha três anos. Não me lembro dele. Via as fotos e ficava tentando inventar alguma coisa, uma lembrança dele

me pegando no colo, falando comigo, fazendo as brincadeiras que os pais fazem com os bebês.

Mas isso é só invenção, a verdade é que eu não lembro. Gostaria de lembrar. É triste quando você não lembra.

Minha mãe dizia que ele era muito bom, o meu pai, e que me amava de verdade. Minha mãe também se foi, faz um ano. E meu tio, que agora é meu pai e minha mãe ao mesmo tempo, também vai morrer um dia. E Marina também. E eu também. Todo mundo morre um dia.

Mas é incrível que meu pai e minha mãe tenham morrido do mesmo jeito. Ou quase do mesmo jeito. Os dois de acidente de carro, os dois sozinhos, dirigindo os carros deles.

Há várias formas de morrer. Se você comparar, vai ver que as formas de morrer são muito diferentes umas das outras. Mesmo aquelas que parecem iguais na verdade são diferentes. Ninguém morre igual, é o que eu acho. Não sei bem o que isso quer dizer, mas acho importante pensar no assunto.

O bom é ter certeza das coisas. O problema é que você nem sempre pode ter certeza. Se você vê uma pessoa morta, dentro do caixão, sabe que ela morreu de verdade. Se vê essa mesma pessoa numa cama de hospital, sabe que ela não está bem, mas está viva. E se ela está do seu lado, como costuma ficar todo dia, você tem certeza de que ela não está nem doente.

Algumas pessoas sabem que a mãe está viva porque ela está ali. Ou sabem que ela já morreu porque foram ao enterro dela. Agora, ruim é quando você não

sabe se sua mãe está viva ou não, não sabe onde ela está, se andando na rua de alguma cidade ou enterrada num cemitério.

Não me deixaram ir ao enterro da minha mãe. Meu tio me disse que era melhor eu me lembrar dela viva. Era como se eu fosse carregar o retrato da minha mãe dentro da cabeça, que nem algumas pessoas carregam uma foto de alguém dentro da carteira, ele disse. E seria melhor que esse retrato fosse bonito, que ela parecesse bem bonita na foto que eu levaria comigo para o resto da vida.

Eu não sabia se aquilo estava certo ou não, mas hoje sei que preferia ter ido ao enterro. Assim podia ter certeza. E depois era só trocar o retrato lá dentro da cabeça e pronto, tudo resolvido. Mas não fui.

E é aí que a minha história começa, com o fato de não ter ido ao enterro da minha mãe.

Depois vim morar com o meu tio, irmão dela. Não gosto do meu tio. Ou melhor, não gosto muito. Ele trabalha em alguma coisa que não sei bem o que é mas deve dar bastante dinheiro porque moramos num apartamento enorme. E é um trabalho que exige muitas viagens, ele mal para em casa. Chega, fica uns dois dias e depois viaja de novo.

Quem cuida da casa, das minhas roupas e da minha comida é a Irene, que trabalha para o meu tio há muitos anos (antes mesmo de eu nascer). Ela diz que gosta muito de mim, diz que me pegou no colo e me conta algumas histórias de quando eu era criança.

Um dia perguntei a Irene como era meu pai. Ela respondeu que era um homem educadíssimo, tratava todo mundo bem e gostava de ajudar as pessoas.

Ela me contou que uma vez passou mal, teve umas tonturas, uma palpitação esquisita e não podia pedir ajuda porque meu tio estava viajando e minha mãe não estava em casa. Então ela ligou para o escritório do meu pai e ele veio correndo. Meu pai levou a Irene ao hospital e ficou lá com ela. Depois comprou os remédios, cuidou de tudo.

Perguntei a Irene quem ela achava mais legal: meu pai ou meu tio. Ela ficou séria, não respondeu na hora.

E depois de um tempo disse que eu não devia fazer mau juízo do meu tio (ela já tinha percebido que eu não gostava muito dele). Disse que meu tio era legal também, como meu pai, não tinha nenhuma reclamação dele, nenhuma mesmo. E que o único problema era que ele trabalhava demais.

• • •

Meu tio paga minha escola e me dá tudo o que eu peço (não sou de pedir muito, principalmente depois que minha mãe morreu). Mas está sempre com a testa franzida e quase não fala comigo.

Quando eu era pequeno, achava que meu tio não gostava de mim. Depois vi que não, na verdade ele não gostava era de crianças. E minha mãe um dia confirmou isso, disse que ele era uma boa pessoa, só

não sabia como tratar direito as crianças, o que achei muito estranho.

Quando virei adolescente, pensei que a situação fosse mudar. Mas não mudou. Talvez meu tio não goste de adolescentes. Talvez quando eu ficar adulto ele goste de mim, mas duvido. É bem provável que ele também não goste de adultos.

E o pior de tudo: acho que ele mente. Odeio mentira. Sei que as pessoas costumam mentir, que é até normal uma mentirinha de vez em quando, mas odeio mentira.

Eu tinha quase certeza de que meu tio estava mentindo quando veio com aquela história do retrato e tal. Faz pouco tempo comecei a pensar nisso e então fui voltando na história, fui voltando e me lembrando de certas coisas, emendando umas nas outras até achar um sentido.

Veja se não tenho razão.

Fato real número um: logo depois da morte da minha mãe, quando me encontrava com alguns dos meus parentes não via ninguém vestido de preto. E no meio da conversa eles às vezes abaixavam a voz ou se viravam de lado, como se quisessem esconder alguma coisa.

Fato real número dois: ninguém nunca veio me dar os pêsames. Meu tio me dizia que era assim mesmo, não queriam me incomodar, achavam melhor não tocar no assunto. Nunca tive intimidade com meus parentes, minha família era mesmo só minha mãe, meu tio e eu. Por isso estive com eles poucas vezes, mas mesmo assim senti que estavam me escondendo alguma coisa.

Fato real número três: meu tio nunca me deixava visitar o túmulo da minha mãe nem me dizia em qual cemitério ela estava. Teve uma vez que ele me disse que ia visitar o túmulo da minha mãe. Pedi para ir junto, mas ele respondeu:

“Cemitério não é lugar de criança.”

“Não sou criança. E já fui várias vezes ao cemitério, visitar o túmulo do meu pai.”

“Agora é diferente, não vou levar você ao cemitério.”

Foi assim, juntando os fatos reais número um, dois e três, que cheguei à conclusão de que ele estava mentindo. Além disso, tinha também um pouco de intuição nessa história. E você não sabe ainda, mas vou lhe dizer, sou o tipo de cara que acredita em intuição.

• • •

É o seguinte: eu achava que minha mãe estava viva.

Pode ser que não tivesse motivos tão fortes para achar isso (se você considerar que os fatos reais de que falei não são muito convincentes), mas também não tinha motivos para não achar.

Se meu tio tivesse me levado ao enterro, e depois ao cemitério (e lá eu veria a placa com o nome da minha mãe), poderia ter certeza. Mas como não aconteceu nada disso, havia 50% de chance de minha mãe estar morta e 50% de estar viva. Por que não? É só uma questão de lógica.

Tudo bem, se estivesse viva eu teria que responder a outras perguntas: onde ela estava agora? Por que tinha

me abandonado? Por que meu tio estava mentindo? Mas essas eram perguntas que eu não estava fazendo naquela hora, uma coisa de cada vez, não é?

Você pode estar pensando que tudo isso é apenas coisa da minha cabeça. Deve estar pensando como minha mãe, que me dizia: você tem uma imaginação fértil.

Pode ser. Eu mesmo cheguei a pensar que essa ideia meio maluca podia ter a ver com as coisas que eu tinha lido (ou visto no cinema). Principalmente, podia ter a ver com um livro que minha mãe leu para mim.

O título é *O estranho caso do cachorro morto*. É um romance. Conta a história de um garoto de quinze anos, Christopher Boone, que resolveu investigar a morte de um cachorro, Wellington, de que ele gostava muito e que um dia encontrou morto no jardim.

Tirando o cachorro, a história dele era um pouco parecida com a minha. E eu gostava muito do Christopher. Gostei do Christopher desde a primeira vez que minha mãe leu a história.

Então pode ser isso, não vou dizer que não. Mas uma coisa é certa: aquela dúvida já tinha entrado na minha cabeça. E quando uma ideia entra nos seus pensamentos é muito difícil tirar de lá. Às vezes é impossível, eu acho.

Por exemplo, não posso tirar dos meus pensamentos a saudade da minha mãe. Não posso deixar de pensar nela, de sonhar com ela, de sentir falta dela me contando história de noite quando eu era pequeno, ou lendo alguma coisa para mim no sofá da sala, ou me levando ao cinema no sábado à tarde.

Como tirar tudo isso dos pensamentos? Nem se eu quisesse. E a mesma coisa acontece com a minha dúvida. Não adianta você dizer que isso é só imaginação minha, que é claro que minha mãe está morta, não adianta, agora que a dúvida resolveu morar na minha cabeça não tem mais jeito, já era.

Quer dizer, existe um jeito sim de tirar minha dúvida de lá, só um jeito: ter certeza. E isso eu ainda não tenho.

• • •

Uma coisa nunca faltou no apartamento da minha mãe: livros.

Minha mãe era professora de literatura. Dava aula numa escola perto de casa. Quase toda semana ela chegava com algum livro novo, às vezes era uma sacola cheia. Dizia que precisava daquilo para o trabalho, mas duvido. Jamais conseguiria ler tanta coisa, nem se vivesse cem anos.

Não teve tempo de ler nem metade daqueles livros todos, que se esparramavam por cada canto do apartamento. Verdade seja dita, não era um apartamento grande, só um quarto e sala. Meu pai tinha deixado um apartamento maior, de herança, mas ela vendeu e comprou um menor.

Disse que precisava do dinheiro para bancar nossas despesas, porque o salário dela na escola não era lá grandes coisas, e que não precisávamos de um apartamento muito grande porque éramos só nós dois

mesmo. Então comprou um quarto e sala e transformou o quarto em dois. Ficaram minúsculos, mas pelo menos cada um tinha o seu canto.

O problema eram os livros. De vez em quando eu topava com alguns no corredor (onde ficavam empilhados por meses até ela ter tempo de arrumar um lugar melhor). Esbarrava com os livros dela a toda hora, no quarto, na sala, no banheiro. Uma vez achei alguns debaixo da minha cama! (Dabaixo da cama da minha mãe já não cabia mais.)

Um desses livros tinha capa azul. No meio da capa a gente via um cachorro virado de barriga para cima, como se estivesse morto. E estava morto mesmo, porque havia algo enfiado na barriga dele: um ancinho.

• • •

Christopher Boone era um garoto que sofria de uma doença chamada síndrome de Asperger. Isso significa que ele não suportava estar cercado de muita gente. Passava mal quando ia para o shopping, por exemplo. É uma doença que faz você odiar qualquer pessoa abraçando você, ou beijando, ou até apertando a mão. Se você tiver essa doença, não vai querer ter amigos, vai preferir ficar na sua, sozinho.

Christopher morava com o pai. O pai contou a ele que a mãe tinha morrido do coração. Depois o garoto descobriu que o pai estava mentindo. Christopher odiava mentira.

Quer dizer, Christopher não gostava de muita gente perto dele, não tinha amigos e odiava mentira. Exatamente como eu.

Essa semelhança me levou a perguntar à minha mãe se eu também não sofria da tal doença. Ela respondeu que não, era diferente, havia muitas diferenças entre mim e o Christopher.

“Nada a ver”, ela completou, “você é apenas um pouco tímido, só isso. E você tem amigos sim, ora essa.”

“Quem?”, perguntei.

“Os garotos da escola.”

“Eles não são meus amigos, a gente só estuda junto.”

“Ah, e tem a Marina, claro.”

“Tudo bem, mãe, mas agora continua lendo a história?”

Eu era pequeno e ela leu toda a história do Christopher para mim. E achei mesmo que tinha muito a ver com a minha vida.

• • •

Para tudo é preciso método. Se você não tem método, está perdido. Até na hora de escovar os dentes é preciso ter um. Tudo bem que algumas pessoas exageram, mas se você pensar bem vai ver que as coisas só dão certo se você usar um método.

E a verdade é que nunca fui bom nisso. Nunca soube direito como ordenar bem as coisas, como saber o que fazer primeiro e o que fazer depois. Minha mãe

não entendia como eu conseguia tirar ótimas notas em matemática e ter uma cabeça tão destrambelhada.

Eu dizia a ela que uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Uma coisa é pensar com números, o que sempre achei fácil. Outra é pensar por onde começar a arrumar o quarto, ou o que exatamente colocar na mochila numa quarta-feira (e ter que mudar na quinta porque nesse dia não tem aula de natação). Coisas assim me deixam maluco.

• • •

Começa pelas coisas maiores e depois vai organizando as miudezas, Marina me disse, quando falei com ela sobre a minha dificuldade em arrumar meu armário (que minha mãe chamava de bagunçário).

Marina mora no prédio em que eu e minha mãe morávamos e é da minha idade. Só que é mais inteligente e mais esperta do que eu. E sempre tem um método.

“Por que não começar pelas coisas menores?”, perguntei.

Ela deu aquele risinho cínico e respondeu:

“Porque você vai ganhando mais espaço se começar pelas maiores.”

“Não entendi.”

E ela, já meio impaciente:

“A bagunça vai diminuindo mais rápido, entendeu agora? Se você começar pelas menores vai perder a paciência logo logo.”

Tentei uma vez. Quando terminei de arrumar as coisas maiores (calças, bermudas, camisas, casacos), o chão do meu quarto estava horrível. Eu tinha feito uma montanha de meias, cuecas, tênis, bonés, tudo misturado. Olhei aquilo e me deu uma preguiça tão grande que desisti.

Dois dias depois a montanha ainda estava lá. Minha mãe me obrigou a arrumar porque meu tio ia dormir no meu quarto naquela noite e precisávamos de espaço para colocar o colchonete. Então não tive outra saída: peguei todo o monte e joguei de uma vez dentro do armário, tudo amontoado.

Sempre tive problemas com método e ficava me perguntando como começar minha investigação. Era esse mesmo o nome que eu tinha dado ao que precisava fazer, como se fosse personagem de um filme de detetive. Uma investigação. Precisava ter certeza, precisava saber se minha mãe estava viva ou não.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 2

HÁ DOIS GAROTOS muito parecidos comigo. E o mais impressionante é que nenhum deles é de verdade. Eles não existem, são personagens de ficção. Um deles é o Christopher, de quem já falei. O outro se chama Ingemar e é o personagem principal do meu filme favorito: Minha vida de cachorro.

Minha mãe um dia chegou em casa e disse que queria assistir a um filme comigo na televisão. Ela já tinha assistido e disse: acho que você vai gostar. Minha mãe tinha comprado o DVD. Ela ainda falou: é meio triste, mas é muito bonito.

O Ingemar é um garoto que mora com o irmão mais velho, Erik, e a mãe deles, que adora ler (igual à minha) e está muito doente. O filme não fala onde está o pai deles, diz apenas que está vivo e trabalha num outro país. Dá para imaginar que se separou da mãe e nunca mais voltou. Ingemar é criado pela mãe, sem pai, exatamente como eu fui.

Ingemar deve ter uns dez ou doze anos, mais ou menos, e um dia ele e o irmão são obrigados a passar uma temporada fora de casa, porque a mãe precisa descansar

e eles não deixam. Erik vai para não sei onde e Ingemar fica na casa de um tio, numa cidadezinha do interior da Suécia, que é o país onde se passa o filme. Tudo acontece na década de 1950.

O garoto tem uma cachorrinha, Sickan, que é levada para o canil. Na nova cidade, ele se diverte muito com outros meninos (nisso ele é bem diferente de mim, que não tenho amigos, a não ser a Marina). E sente muita falta da mãe. E da Sickan também.

Foi com o Ingemar que aprendi a importância da comparação. Ele dizia que a gente deve comparar, sempre. Dizia o seguinte: é preciso comparar para sentir a distância das coisas.

Ele falava sempre da Laika, aquela cachorrinha que os russos colocaram num foguete e mandaram para o espaço. Eles queriam fazer experiências e mandaram a Laika sozinha no foguete, sem comida suficiente. Ela morreu, claro.

O Ingemar fala da Laika o tempo todo. Sente muita pena dela e não entende como alguém pôde fazer uma maldade dessas. Além de ter que enfrentar aquela solidão toda, a coitada ainda passou fome, muita fome, até morrer.

• • •

“E se você fosse ao cartório?”, Marina me perguntou, depois que contei a ela meus planos.

Não pretendia contar, mas achei que era um mistério complicado demais para resolver sozinho e, no

fundo, confiava na Marina, sabia que ela não sairia espalhando essa história por aí.

“Eles têm tudo registrado lá. O seu nome, os nomes dos seus pais, o dia em que você nasceu, a hora, a cidade. Então eles devem ter também o dia e a hora em que uma pessoa morreu, não é?”

“Já fui”, respondi.

Eu tinha entrado num cartório perto da casa do meu tio e perguntado a um senhor como fazer para saber se minha mãe estava morta ou não. Ele primeiro achou que era uma piada. Continuei sério e ele entendeu que não, não era uma piada.

Então fez uma cara estranha e pensei comigo: agora ele deve estar achando que sou louco. Antes que falasse isso, eu mesmo falei: não sou maluco não, só quero saber se vocês têm aí o nome da minha mãe e quando ela morreu.

Ele perguntou quantos anos eu tinha. Respondi. Ele disse que não podia me dar a informação que eu queria, só na companhia do responsável por mim. E mesmo assim precisaria do nome completo da minha mãe e do número da carteira de identidade. Depois olhou para a fila que estava atrás de mim e chamou o próximo.

“E você não podia ter voltado depois, com um adulto?”

“Com quem, Marina? Quem iria querer voltar lá comigo? E, além disso, o moço falou que eu precisava da carteira de identidade da minha mãe e os documentos dela estão todos com o meu tio.”

“Pela internet então, a gente pode descobrir isso pela internet.”

“Não adianta. No cartório, na internet ou em qualquer lugar vou precisar da carteira de identidade da minha mãe, ou pelo menos do número.”

“Então só tem um jeito.”

“Qual?”, perguntei, já imaginando a resposta.

E era isso mesmo que ela estava pensando:

“Você vai precisar procurar nas coisas do seu tio.”

• • •

Além de professora de literatura, minha mãe também era escritora. Na verdade, ela só escreveu uma história, um romance chamado *O mergulhador*. Ela pensava em mandar o romance para alguma editora, mas não teve tempo.

Lembro quando ela chegou da rua com o livro encadernado (dessas encadernações em espiral) e disse: acabei. E depois me perguntou se eu gostaria de ler.

Adorei o livro não publicado da minha mãe. Contava a história de um garoto. A história começa quando ele completa onze anos e alguém pergunta, na frente de várias pessoas, o que ele quer ser quando crescer. Ele responde: mergulhador.

Todo mundo acha graça porque não respondeu médico, engenheiro, professor ou qualquer coisa mais normal. A família morava numa cidadezinha bem no sertão do Rio Grande do Norte, tão pequena

que nem aparecia no mapa. O mar ficava distante e nem rio havia por perto, só um açude onde as mulheres lavavam roupa.

Mesmo assim o garoto queria ser mergulhador. Tinha lido uma reportagem sobre mergulhadores numa revista, com foto e tudo, e na mesma hora decidiu que queria ser como eles.

Foi crescendo com esse sonho. No começo os pais dele não ligaram, mas depois começaram a perceber que o negócio era sério. O menino ficava horas sentado na frente da casa, olhando lá longe, sozinho, pensando no sonho dele.

Foi crescendo e ficando triste, triste. Quase não brincava mais, nem comer direito ele comia. Só pensava no sonho de vestir aquela roupa toda preta, de borracha, colocar os pés de pato, o tubo de oxigênio, os óculos e sair mergulhando pelo fundo do mar.

O pai vivia dizendo para o filho tirar aquela bobagem da cabeça. Eles não tinham dinheiro, ele só ia à escola porque era pública (e tinha que caminhar mais de uma hora porque ficava noutra cidadezinha), o importante era ajudar o pai no trabalho, sem essa besteira de virar mergulhador.

Ele fingia que estava concordando, mas continuava pensando naquilo, e um dia tomou uma decisão. Escreveu uma carta para o presidente do Brasil. A professora corrigiu o português e colocou a carta no correio.

Na carta ele contava a sua vida, pedia ao presidente uma passagem para alguma cidade de mar e bolsa

de estudo numa escola de mergulho. No final, o garoto, que agora já tinha quinze anos, terminava dizendo que depois, quando fosse mergulhador profissional, poderia trabalhar alguns anos para o governo, de graça.

Dois meses depois veio a resposta, que ele já nem esperava mais.

O presidente tinha gostado da carta e mandaria a passagem para que ele fizesse concurso para a Escola Naval, no Rio de Janeiro. E ainda pagaria suas despesas durante as provas.

Em poucos minutos a cidade inteira (que não era muita coisa, como já disse) estava sabendo da novidade. O prefeito foi pessoalmente dar os parabéns. Mas antes pediu a carta. Leu, virou de um lado e de outro, colocou contra a luz e concluiu que era autêntica.

Naquela noite o garoto não conseguiu dormir. Deitado na cama, colocou a carta debaixo do travesseiro, depois de ler e reler não sei quantas vezes as palavras do presidente do Brasil.

Era época de eleição. O presidente achava que ganharia as eleições, era o favorito nas pesquisas. Mas não ganhou.

Entra outro no lugar dele. O garoto, os pais do garoto e o prefeito da cidade tentam de todo jeito marcar uma audiência com o novo presidente, mas nunca conseguem. Escrevem para ele, mandando cópia da carta do presidente anterior. Nada.

Procuram os jornais, mas só um deles dá a notícia, num cantinho de página. Tem muita coisa importante

acontecendo no país e no mundo, os donos dos jornais acham que aquela história não vende (e deve até ser falsa, eles pensam).

O tempo vai passando e nada de o novo presidente responder à carta que os pais e o prefeito mandaram. O garoto cresce, vira adulto. Estuda como pode, trabalha e vai ficando cada vez mais triste. De tempos em tempos ainda procura uma carta com envelope do governo na caixa de correspondência.

A mãe morre. O pai morre. O prefeito morre. O homem se casa, tem filhos, vai morar noutra cidade. O presidente para quem ele escreveu já não é mais presidente faz tempo. Ele chega a escrever outras cartas, a outros presidentes, mas faz isso só por fazer, sem nenhuma esperança.

Leva uma vida sem graça. Trabalha, come, dorme. Quando perguntam se não tem nenhuma ambição na vida, se não tem um sonho, ele responde: já tive.

Quando está aposentado, fica doente e passa o tempo todo na cama. A filha mais velha é quem cuida dele, dá comida, água, banho, leva ao banheiro. De vez em quando ele tem uns delírios e pergunta se chegou a carta do presidente. A filha diz que não e ele volta a dormir.

Um dia ele está lá, doente, de cama, tristíssimo, e um dos filhos, de onze anos, chega perto e diz: pai, posso fazer uma pergunta? O pai está muito fraco, mal consegue falar, mas faz que sim com a cabeça. O filho então diz: como a gente faz para ser mergulhador?



Depois da conversa com Marina, fui andando na direção da minha casa e falando comigo mesmo: você agora é quase um detetive. Quase um detetive de catorze anos que vai procurar saber o que aconteceu de verdade com a mãe dele, se ela morreu ou se está viva.

Aquele pensamento me deixou um bocado assustado. Senti um frio na barriga só de pensar nos filmes que já tinha visto. Será que ia encarar uns bandidões, que nem aqueles da máfia? Será que ia levar um tiro? E se minha mãe tivesse sido obrigada pelo governo dos Estados Unidos a mudar de país e ser uma espia internacional trabalhando no FBI? (Isso de certa forma explicava tudo, o sumiço, a morte falsa, mas me deixava bem triste.)

Pensei em parar de viajar, esquecer tudo aquilo e abrir o jogo com o meu tio, dizer logo que estava desconfiado. Quem sabe pudesse até fazer uma ameaça: se ele não me deixasse ver o túmulo da minha mãe eu saía de casa e não voltava nunca mais (não tinha a mínima ideia do que faria se ele dissesse: tudo bem, pode ir então).

Mas não contei. Não podia confiar no meu tio. Desde o momento em que desconfiei de que minha mãe estava viva, passei a fazer pesquisas por minha conta. Descobri que quando você é menor de idade e seus pais morrem, a herança não vai direto para você, fica com o seu responsável, que os caras da justiça chamam de

tutor. E esse tutor cuida da grana do garoto até ele completar dezoito anos.

Meu tio não tinha me falado nada sobre isso e ele sem dúvida era o meu tutor, concorda comigo? Era o único parente vivo da minha mãe e a pessoa mais próxima de mim. Eu morava na casa dele, ele me sustentava. Tudo bem que minha mãe não deve ter deixado grandes coisas porque não era rica nem nada, mas quem sabe? E se ela tivesse guardado algum dinheiro e eu não soubesse?

Você não acha que meu tio devia ter me falado sobre isso? Lá na justiça ninguém é obrigado a avisar o garoto que o tutor está cuidando da herança dele. Imagina, por exemplo, se, ao invés de o herdeiro ser um menino de catorze anos, for uma criança de três ou um bebê. Como é que vai ficar? É o próprio tutor quem deve resolver o problema. E meu tio não me contou nada. Por quê?

• • •

Não queria fazer o que fiz, mas não teve outro jeito. Precisava encontrar a carteira de identidade da minha mãe e o único modo era xeretar no quarto do meu tio.

Comecei pela escrivaninha. Revirei todas as gavetas. Ele guardava seus papéis numas pastas azuis, de elástico, com uma etiqueta colada em cada uma. Tinha método, sempre teve.

Tirei todas as pastas da gaveta e coloquei em cima da cama. Antes de abrir as pastas, fui até a porta da casa

e conferi se estava trancada. Além disso, coloquei um copo com refrigerante perto da porta. Se por acaso ele entrasse de repente (sei lá, podia ter cancelado alguma viagem), a porta ia bater no copo, o copo ia se quebrar e esparramar refrigerante no chão. Ele então xingaria à beça e voltaria para limpar o sapato no capacho e quem sabe até pegasse um pano de chão antes de me dar uma bronca. Assim eu ganharia bastante tempo e poderia colocar as pastas no lugar.

Tinha muito papel ali. As etiquetas falavam decoisas bem chatas para qualquer garoto: CASA (CONTAS E NOTAS FISCAIS), CARRO (MANUAL, MULTAS, RECIBOS), DOCUMENTOS PESSOAIS, CONTRATOS DE TRABALHO e outras do tipo.

Abri uma por uma. Não devia confiar nas etiquetas. Se meu tio estava escondendo alguma coisa, podia ter colocado os documentos da minha mãe na pasta trocada, para confundir quem se metesse a mexer nos seus papéis, como eu estava fazendo. Por exemplo: podia ter colocado tudo na pasta CONDOMÍNIO (RECIBOS, ATAS DAS REUNIÕES). Quem desconfiaria?

Isso me obrigou a ficar ali durante horas. Conferi os papéis um por um. Nada. Simplesmente não tinha nada, nenhum documento da minha mãe. Ele devia ter escondido em outro lugar.

Guardei as pastas e resolvi mexer nas roupas do armário. Agora, o que é o armário do meu tio? Tudo superorganizado, nem parece armário de verdade. Parece mais esses armários que a gente vê nos filmes, daquelas

madames que têm um armário só de sapatos, outro só de casacos, e tudo tão arrumadinho! Ou daqueles homens de terno que trabalham na Bolsa de Valores de Nova York, o armário com uma tonelada de camisas brancas, ternos, sapatos engraxados.

É assim o armário do meu tio, tudo no seu devido lugar. Chega a dar inveja. Revirei as gavetas, mexi atrás das roupas penduradas nos cabides, procurei nos bolsos das camisas, dos paletós, das calças. Já ia desistindo quando me bateu uma intuição.

Olhei debaixo da cama. Tinha alguma coisa lá. Peguei. Era uma caixa de madeira escura. Abri. Havia um monte de cartas dentro. Várias, várias cartas. Deveria mesmo continuar? Tive a impressão de que aquilo já estava indo longe demais.

• • •

Uma das coisas chatas da vida é que você é sempre obrigado a escolher. Imagine que você precisa sair de casa. Você abre seu armário e parte para a comparação: a camisa amarela é mais bonita do que a azul, e a azul é mais gostosa de usar do que a amarela. Aí você tem que escolher entre a mais bonita e a mais gostosa de usar.

E se você pensa em fugir da escolha dizendo que não vai ficar com nenhuma e sim com aquela outra, listrada de preto e branco, se você pensa isso está redondamente enganado. Você só fugiu da escolha entre a azul e a

amarela, dispensou as duas. Mas até isso é uma escolha. E mesmo que você ficasse muito irritado com aquela chatice e saísse sem camisa, mesmo assim estaria escolhendo. Estaria escolhendo sair sem camisa. Por isso digo que não tem jeito, você sempre vai ser obrigado a fazer uma escolha.

Por exemplo: uma professora de redação que tive na escola, faz tempo. Um dia ela escreveu no quadro o tema: “Se sua casa estivesse pegando fogo e você tivesse que salvar só uma pessoa da sua família, quem você salvaria?”.

Eu sei que esse é um tema bem complicado, não acha não? Até para adulto deve ser. No meu caso era pior ainda porque minha família era minha mãe, meu tio e eu. Só havia duas opções! Quem escolher, minha mãe ou meu tio?

A primeira opção seria minha mãe. Mas e o meu tio? Ia deixar o coitado lá, no meio do fogo? Não gostava muito dele, tudo bem, mas também não queria que ele morresse queimado, caramba!

Escolher é uma coisa muito difícil. Pense no garoto da história da minha mãe. Se pudesse escolher, teria vindo para o Rio de Janeiro, estudar na Escola Naval e quem sabe virar mergulhador, como sempre sonhou.

Ele fez uma escolha quando resolveu escrever uma carta ao presidente, escolheu tomar uma atitude, não ficar parado. Mas depois, quando viu que a coisa estava ficando ruim, teve que fazer outra escolha. E acabou escolhendo levar uma vida besta. Já era adulto e

adultos não podem ficar sonhando à toa, têm que ganhar dinheiro para sustentar os filhos.

Naquele momento, no quarto do meu tio, era a minha vez de escolher. E a situação era difícil porque estava me sentindo um pouco mal. E estava me sentindo mal porque sabia que a gente não deve ficar xeretando as coisas dos outros. E muito menos cartas, que é uma coisa, como dizer, muito íntima. Por isso fiquei na dúvida: abro ou não essas cartas?

• • •

Acabei abrindo. Se eu estava errado, estava errado desde o começo, quando abri a primeira pasta. Agora, se já tinha aberto todas as pastas do meu tio, por que não abrir aqueles envelopes e ver o que tinha dentro?

Antigamente, quando ainda não existia internet, as pessoas costumavam escrever cartas. Era mais demorado porque depois de escrever você precisava colocar no envelope, anotar seu endereço e o endereço da pessoa para quem você ia mandar a carta, depois sair de casa, ir até o correio e aí ficar esperando uns dias até a carta chegar lá na casa da tal pessoa. E depois você tinha que esperar um tempão pela resposta, porque a outra pessoa precisava fazer tudo o que você tinha feito, entendeu?

Meu tio certa vez me disse que naquela época era melhor, porque as pessoas caprichavam mais na hora de escrever, não ficavam usando abreviações e carinhas

como se usa no e-mail. E além disso havia selos coloridos, do Brasil e de outros países, e vários tipos de papéis de carta e envelopes de vários tamanhos.

Ele devia gostar mesmo desse negócio porque havia um caminhão de cartas ali. De homens, de mulheres, do Brasil e até de outros países. Não era minha intenção ficar lendo todas, estava procurando a carteira de identidade da minha mãe, só isso. Então fui abrindo uma por uma, sem ler, só conferindo se ele não tinha escondido a carteira em algum daqueles envelopes.

E foi então que vi um envelope com o nome da minha mãe. E a letra da minha mãe, que eu conhecia tão bem. Era uma carta dela para o meu tio. Olhei atrás e vi o endereço do remetente. Era de Petrópolis.

Achei que não devia ler, mas ao mesmo tempo achei que ler uma carta escrita pela minha mãe era um jeito de estar com ela de novo. Um jeito meio torto, tudo bem, mas não deixava de ser uma forma de matar um pouco da saudade que eu sentia.

Li. Li até o final. E foi uma coisa muito triste aquilo, uma das maiores tristezas da minha vida.

• • •

Na carta minha mãe dizia que estava muito angustiada por ter mentido para mim. Ela sabia que eu odiava mentira, ela também não gostava, mas disse que precisou mentir daquela vez.

Minha mãe tinha um namorado. E eu não sabia disso. Pela carta, entendi que namorava o tal cara fazia pouco tempo, mas já estava apaixonada. Dizia que ainda não o conhecia muito bem, mas confiava nele. E repetia que estava apaixonada.

Fiquei imaginando a reação do meu tio quando leu aquilo. Meu tio tem método, como já contei, e nenhuma pessoa com método acha normal você se apaixonar por alguém que não conhece direito.

Não sei por que minha mãe não me falou do tal namorado. Depois que meu pai morreu ela já tinha tido dois namorados. E ela me apresentou os dois, sem problemas. Por que resolveu não me apresentar dessa vez?

Não sei. Só sei que na carta estava escrito: na volta da viagem vou conversar com o Pedro (Pedro sou eu, esqueci de dizer), vou contar tudo e tomara que ele aceite bem a novidade. Ela escreveu também, na carta, que me amava mais do que tudo neste mundo.

Minha mãe não teve tempo de me contar nada. Vi a data no carimbo do correio. A carta foi enviada poucos dias antes do acidente. Na volta de Petrópolis, na estrada, ela dirigindo sozinha, na chuva. O carro derrapou numa curva, capotou. Minha mãe foi levada ao hospital por um senhor que passava na hora e viu tudo. Pelo menos era isso que meu tio havia contado.

Na carta ela dizia ainda que estava hospedada na casa do tal namorado. E estava precisando de uns dias sozinha com ele, para acertarem algumas coisas.

Não sou de chorar. Segurei o choro. Poderia ter chorado. Tinha motivos, afinal de contas sentia muita saudade da minha mãe e não pude conhecer o tal namorado que ela amava e devia ser alguém legal e um dia podia até ser meu pai.

Mas se precisasse mesmo de um motivo, um motivo forte de verdade, teria sido outro: minha mãe tinha mentido para mim.

• • •

O primeiro mapa de que se tem notícia data de mais ou menos 6 000 a.C., o que significa que já naquela época as pessoas estavam preocupadas em contar umas para as outras como era determinado lugar.

A disciplina que estuda os mapas se chama cartografia. Isso porque os mapas também são chamados de *cartas* geográficas. E essa relação entre carta e mapa tem tudo a ver, eu acho.

Um mapa é como uma carta que alguém escreve a outra pessoa (no caso, a várias outras). É como se você tivesse ido passear num lugar diferente e depois quisesse contar a alguém como era aquele lugar. Tudo bem, hoje você pode fotografar ou filmar. Mas quando não havia câmera, o jeito era desenhar mesmo. E não estou falando de um lugarzinho qualquer, um riozinho, uma praia, um bosque e tal. Estou falando de continentes!

Isso é muito maluco porque não se trata de um desenho comum, como de alguém que estivesse sentado

num banquinho e desenhasse uma paisagem que está na frente dele. Não, o mapa é o desenho de um lugar visto de cima. E como as pessoas antigamente faziam esse desenho se não tinham avião, helicóptero, satélite nem nada?

Vai ver era por isso que elas erravam tanto. Desenhavam terra onde só havia água ou colocavam oceanos onde existiam continentes inteiros.

E não faz muito tempo (apenas alguns séculos atrás), alguém criou um mapa que aumentava o tamanho dos países do hemisfério norte. Então outro cartógrafo, revoltado com aquilo, resolveu descontar não apenas aumentando o território dos países do hemisfério sul como também trocando o sul pelo norte. Oceania, África e América do Sul ficaram no alto do mapa e os outros ficaram na parte de baixo.

Alguns cartógrafos, até algumas décadas atrás, aumentavam o tamanho de alguns países alegando problemas de ordem técnica. Vai colocar o nome “Suíça” lá no lugar dele! Não é mole não. Ou você diminui muito a letra ou aumenta um pouco o país.

Acho mapa uma coisa muito louca, mais até do que arco-íris. Por exemplo: o mundo não tem apenas duas dimensões, como nos mapas. Daí que a melhor forma de você representar o planeta é através de um globo (desses de plástico). Mas acaba faltando precisão (além de ser difícil ficar carregando numa viagem).

Para você localizar um ponto no mapa foram inventadas as coordenadas. O planeta foi dividido em

linhas horizontais e verticais e o ponto que você quer localizar vai estar no cruzamento de duas dessas linhas. Só que esse sistema foi feito a partir da ideia da Terra como uma esfera. E o mapa é um plano, não é uma esfera! Já pensou na complicação que isso dá, se você for alguém atento aos detalhes?

Isso significa que você nunca vai estar exatamente onde o mapa indica que você está. Claro, porque tem uma curvatura nessa história toda que o mapa não consegue alcançar, entendeu? Você pensa que está num lugar e no final das contas está noutro.

Mas isso não tem a mínima importância, você deve estar pensando. E talvez você tenha razão, pode ser.

• • •

Depois daquilo não quis ler mais nenhuma carta. Guardei tudo de volta na caixa e coloquei no lugar onde estava, debaixo da cama.

Mas antes peguei na escrivadinha do meu tio um pedaço de papel e uma caneta. Anotei o endereço que estava no envelope.

Desci para dar uma volta na praia. Minha cabeça estava pegando fogo e eu precisava de um pouco de ar. No meio do caminho encontrei a Marina. Veja como são as coisas, não era minha intenção contar a ninguém que eu tinha lido aquela carta, era um assunto só meu, mas contei.

Estava tomando água de coco com a Marina numa barraca na praia e contei. Ela era minha única amiga. E se já tinha contado sobre a minha desconfiança, era melhor contar logo o resto.

Ela me ouviu calada. Quando terminei, perguntou: “Você vai procurar o ex-namorado da sua mãe?”

“O que você acha?”

“Perigoso.”

“Por quê?”

“Se você disser que está investigando a morte da sua mãe ele vai pensar que você é doido, e depois vai contar tudo para o seu tio e aí você está ferrado.”

Marina tinha razão. Mas eu também não precisava chegar e ir falando tudo de uma vez. Poderia ir até a casa dele e ficar vigiando. Depois inventaria uma história qualquer para me aproximar, diria que era um sobrinho da ex-namorada dele, inventaria um motivo para estar ali e depois iria fazendo amizade, até conseguir alguma informação. O problema era que, para fazer isso, precisava mentir.

“Claro que não vai dar certo, Pedro.”

“Por que não?”

“Simples: ele conhece você.”

“Como, se ele nunca me viu?”

Ela colocou as mãos na cintura e disse:

“Você acha que sua mãe nunca mostrou uma foto sua para o ex-namorado dela?”

Mais uma vez ela estava certa. Era claro que ele devia saber quem eu era e essa conversa fiada de sobrinho

e tal não ia colar nunca. Mas ainda assim achei que valia a pena ir até Petrópolis, nem que fosse para conhecer meu ex-futuro pai.

• • •

Uma das formas mais fáceis de você entender como as coisas podem estar perto e longe ao mesmo tempo é andar no meio da neblina.

Minha mãe contava que quando eu era criança fomos passar um fim de semana na casa de uns amigos dela perto de Friburgo. Ela dizia que quando saímos do Rio fazia sol, mas foi só começar a subir a serra e uma neblina daquelas resolveu descer em cima da gente. Aliás, em cima não, dos lados também, porque neblina é assim mesmo, ela dizia, cerca a gente de tudo quanto é jeito.

Minha mãe achou melhor parar num restaurante na beira da estrada e esperar um pouco antes de continuar subindo. E só conseguiu estacionar o carro porque tinha um moço do restaurante ajudando. Do carro até o restaurante fomos de mãos dadas, com ele nos guiando devagar. Ela dizia que só dava para ver uma sombra na nossa frente. E estávamos bem perto dele.

Quando entramos no restaurante tudo voltou a ficar visível outra vez e dei de cara com um garoto logo na entrada. Então disse para ele: você sabia que eu andei no céu?

Acho que ele não entendeu e saiu para brincar com outras crianças numa mesa ao lado. Minha mãe disse que fiquei meio triste com aquilo, porque estava muito empolgado com o fato de ter andado no céu e o menino nem ligou para a grande novidade.

Agora, veja que troço maluco: o céu é um dos lugares mais distantes que existem. Eu achava que estava nesse lugar longíssimo quando na verdade estava era no chão mesmo. Tudo bem, eu era apenas uma criança e não sabia direito como certas coisas funcionam, mas acho que dá para entender o que estou querendo dizer.

Acontece parecido com os números e essa era outra história que minha mãe contava sobre mim. Ela dizia que teve uma época em que eu ficava enchendo a paciência dela com uma pergunta: mãe, qual é o maior número que existe?

Ela explicava que ninguém sabe, mas é claro que essa resposta não me deixava nem um pouco satisfeito.

Se você pensar bem, não dá para saber mesmo. Se alguém lhe disse que o maior número que existe é um quadrilhão, trezentos trilhões, quinhentos e vinte e sete bilhões, duzentos e dois milhões, cento e quarenta mil e dez, você pode rir na cara dele e dizer: não, não é.

E ainda pode completar, só para irritar o cara: maior do que esse número aí é um quadrilhão, trezentos trilhões, quinhentos e vinte e sete bilhões, duzentos e dois milhões, cento e quarenta mil e onze. Pronto.

Quer dizer, basta você acrescentar um número pequenininho, um mísero número um, e você cria um

número maior do que o outro. E nem precisa ser um, pode ser meio, ou um décimo, ou até um milésimo. Resumindo, você nunca vai saber qual é o maior número que existe e isso já devia ser o suficiente para você começar a desconfiar de tudo o que está a sua volta, é o que eu penso.

• • •

O chato de ter catorze anos é que você não pode fazer um monte de coisas. Se quiser ver um filme com censura de dezoito, não pode. Ou se quiser dormir na casa da sua namorada (se tiver namorada), não pode. Ou se estiver a fim de matar aula para nadar no mar, também não pode.

Outra coisa que um garoto de catorze anos não pode fazer é viajar sozinho. Mesmo que seja para um lugar que fica logo ali. Ou melhor, poder pode, mas antes precisa pedir para a mãe, ou o pai, ou para quem cuida dele. Não dá para simplesmente acordar um dia e avisar: hoje vou a Petrópolis.

A não ser que você não tenha pai nem mãe e se jacta de por um tio que está sempre viajando. Essa é a vantagem de você não ter ninguém tomando conta de você.

Num sábado acordei cedo e fiz o café. Minha mãe tinha me ensinado algumas coisas de cozinha e fazer café era moleza.

Ela gostava muito de cozinhar. Às vezes eu ajudava, descascava legume, cortava tomate, picava cebola,

coisas assim. E toda semana a gente fazia pão. Não é difícil fazer pão em casa, só precisa ter a receita certa, os ingredientes e um pouco de paciência (porque comprar na padaria é mais rápido, claro).

Minha mãe e eu inventávamos umas coisas diferentes para colocar no pão. Ervas, temperos, recheios. Eu gostava muito do pão com recheio de queijo minas. Quando a massa estava pronta para ir ao forno, ela deixava eu colocar umas tirinhas de queijo dentro de alguns pãezinhos. Depois eu pegava um palito e desenhava um P nos pãezinhos que levavam queijo. Na hora de servir, minha mãe gostava de dizer que o Pão Pedro era o mais gostoso.

Na casa do meu tio eu não fazia pão. Não me dava vontade. Naquela manhã peguei duas fatias de pão de forma na geladeira, fiz um queijo quente e comi com café e suco de laranja em caixinha.

Depois peguei meu boné e uns óculos com lente sem grau, que um dia comprei no camelô. Aquele era meu truque para parecer mais velho e tentar entrar em filme com censura de dezoito anos (às vezes funcionava, às vezes não). Pensei que o motorista do ônibus podia encrencar comigo, perguntar minha idade, e por isso resolvi usar o boné e os óculos.

Coloquei tudo na mochila, junto com um sanduíche, uma caixinha de suco e uma maçã. Confeiri se estava levando o endereço, saí, tranquei bem a porta e fui direto para a rodoviária.

Peguei o ônibus das oito horas. Quando cheguei na

rodoviária de Petrópolis eram quase dez. Saí perguntando como chegar no tal endereço e um senhor me disse que era melhor pegar outro ônibus. Ou então andar uns vinte minutos. Fui caminhando mesmo.

O endereço era de uma casa num condomínio fechado. Não parecia muito luxuoso não. Olhei pela grade do portão e vi um jardim e duas fileiras de casas iguaizinhas, uma colada na outra.

Toquei o interfone e uma voz me perguntou com quem queria falar.

“Com o Tiago, da casa 3”, respondi.

“Ele não está. Quer deixar recado?”

“A que horas ele volta?”

“Não sei dizer, não.”

Resolvi esperar ao lado do portão de entrada. Tinha uma amendoeira na calçada, com uma sombra legal. Coloquei minha mochila no chão, me encostei no tronco da árvore e fiquei vigiando a entrada do condomínio.

Não entrava nem saía ninguém. Fiquei um tempão ali. Nenhum movimento. Imaginei que alguns dos proprietários daquelas casas deviam morar no Rio. Eram casas só de fim de semana e olhe lá. E se o ex-namorado da minha mãe também morasse no Rio? Eu ficaria o dia inteiro encostado naquela árvore, feito um idiota? Voltei e interfonei novamente, perguntando pelo tal Tiago da casa 3.

“Ainda não chegou.”

“Mas ele está na cidade?”

O porteiro ficou um tempo em silêncio. Depois respondeu:

“Não posso dizer, não.”

“Mas eu vim do Rio, moço, por favor.”

“É melhor você voltar mais tarde.”

Quando já ia voltando para a amendoeira, vi um carro chegando. Era um homem bem velho, provavelmente não seria o ex-namorado da minha mãe, mas mesmo assim corri até ele e perguntei:

“O senhor é o Tiago?”

Ele levou um susto, fez que não com a cabeça e entrou logo pelo portão. Nem deu tempo de perguntar se conhecia o ex-namorado da minha mãe.

“Saco!”, falei comigo mesmo.

• • •

Já estava sem ideia, sem saber o que fazer, sentado debaixo daquela árvore. Sentia um pouco de fome, então tirei a maçã da mochila e comi. Depois foi me dando sono, mas um sono, um sono tão profundo que fechei os olhos e dormi na hora.

Sonhei que estava perdido numa floresta. Eu estava sentado no chão, encostado numa velha árvore e pensando: esse filme é bem legal.

Sim, porque me toquei de que eu estava num filme, um filme de conto de fada. Fazia um dia bonito, com sol, e eu ali, de bobeira, no fresquinho da floresta.

De repente ouço um barulho, como se alguém

estivesse correndo sobre as folhas do chão. Viro a cabeça e vejo sabe quem? O Super-Homem. Ele chega perto de mim meio assustado, meio perdido, e eu digo:

“Você está no filme errado, Super-Homem.”

Ele me agradece e vai embora, correndo pela floresta.

Então fecho os olhos, querendo tirar um cochilo, e segundos depois ouço um barulho. Parecia o barulho de asas batendo, como se fosse um passarinho enorme se aproximando. Olho para cima e vejo o Batman. Ele está pousado num galho da árvore, de cabeça para baixo. Eu falo:

“Filme errado, Batman.”

Ele bate as asas e vai embora.

Agora sim, posso cochilar, penso comigo mesmo. Fecho os olhos. Logo depois ouço um barulho fininho sobre a minha cabeça, como se alguém tivesse atirado uma flecha sobre ela. Abro os olhos e vejo o Homem-Aranha, que tinha lançado seu jato de teia e quase me acertado a testa. Ele pediu mil desculpas e perguntou onde estava. Respondo:

“No filme errado, Aranha.”

Ele se despediu e saiu pulando pelas árvores.

E aí, quando eu finalmente ia tirar meu cochilo, aparece um monstro.

Era horrível, peludo, parecia um gorila, mas tinha cabeça de jacaré. Chegou perto de mim, eu paralisado de medo. Então disse:

“E você acha que está no filme certo, meu caro?”

Nem tive tempo de gritar porque acordei com

alguém batendo no meu ombro. Olhei para cima e vi um cara agachado, me olhando e sorrindo.

“Queria falar comigo?”, perguntou.

Era ele, o ex-namorado da minha mãe.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 3

UM DIA EU ESTAVA tomando banho e me veio uma ideia engraçada. Minhas melhores ideias costumam vir quando estou tomando banho, não sei por quê. Por exemplo, quando decidi comprar o boné e os óculos de lente sem grau para parecer mais velho. Foi uma boa ideia, eu acho, e veio justamente quando tomava banho.

Pois naquele dia me toquei de uma coisa gozada: os dois garotos que mais se parecem comigo, o Ingemar e o Christopher, gostavam de cachorro. E tinham cachorro. Por que nunca tive cachorro? Por que minha mãe nunca me perguntou se eu queria um?

Tudo bem, a gente sempre morou em apartamento e no primeiro prédio em que moramos era proibido ter qualquer animal dentro de casa. Mas depois nós nos mudamos para outro prédio e lá os moradores podiam ter cachorro, desde que fosse pequeno.

Talvez minha mãe estivesse esperando eu pedir. E a verdade é que nunca pedi. A verdade mesmo, quer saber? A verdade mesmo é que nunca pensei em ter

cachorro. Não tenho nada contra os cachorros em geral, mas se tivesse que escolher um bicho de estimação, não seria da raça dos caninos.

Também não seria um gato. A Marina já teve um gato, que ela adorava, o Valdemar. Ele tinha olhos azuis e o pelo macio. Um dia um vizinho que não gostava da mãe da Marina envenenou o Valdemar. Ninguém pôde provar, mas a Marina sabia que tinha sido o tal vizinho. Não tenho nada contra os gatos, até gostava de ficar alisando o pelo do Valdemar, mas não escolheria um gato não.

Passarinho também não acho boa ideia. Cachorros e gatos conseguem até viver bem dentro de um apartamento (eu acho), desde que você saia todo dia com eles para passear na rua ou num parque. Mas passarinho não.

Uma vez adotei um beija-flor que aparecia de vez em quando lá em casa. Morávamos no primeiro andar e minha mãe tinha uns vasos com plantas no lado de fora da janela. O beija-flor apareceu e pude vê-lo bem de pertinho.

Pedi a minha mãe que comprasse um daqueles tubinhos de plástico transparente onde a gente coloca água com açúcar, depois prende na parede com um prego e serve para o beija-flor se alimentar. Ela comprou e eu mesmo preguei o tubinho na parede, ao lado de um vaso de gerânios.

Todo dia o beija-flor ia lá, bebia sua água com açúcar e se mandava. Certo dia eu e minha mãe fizemos

uma viagem. Enchi o tubinho e pensei que não haveria nenhum problema em viajar porque quando acabasse a água com açúcar ele poderia se alimentar dos próprios gerânios.

Quando voltamos fui logo ver se o beija-flor estava lá. Ele não apareceu naquele dia. Nem no outro. Nem nunca mais.

Depois meu tio me falou o que provavelmente tinha acontecido. Ele me explicou que quando você coloca água com açúcar para um beija-flor na sua casa, ele se habitua e só vai se alimentar ali. É como se ele desaprendesse como sugar uma flor de verdade. Quando acabou a água com açúcar, o coitado morreu.

Fiquei tristíssimo com a morte daquele beija-flor. Eu ainda nem tinha dado um nome a ele. Estava na dúvida entre uns três ou quatro e fui adiando a tarefa, adiando, adiando, até que não precisei mais dar nome nenhum. Chamava ele de beija-flor mesmo. E nem pude me despedir. Nem um enterro decente ele teve, coitado.

• • •

“Sou o filho da Sofia”, eu disse para o ex-namorado da minha mãe.

Ele levou um tempo até entender. Eu não tinha dito bom-dia, boa-tarde, boa-noite, não tinha dito meu nome nem nada, só aquilo. Ficou um tempo calado, me olhando, depois me reconheceu:

“Pedro? Você é o Pedro?”

Fiz que sim com a cabeça. Ele me estendeu a mão. Apertei a mão dele.

“Vamos entrar, Pedro.”

O condomínio não era luxuoso nem nada, mas era bonito. Fomos caminhando por um jardim cheio de plantas, até chegar na casa dele.

Ele me perguntou como eu havia conseguido o endereço. Respondi que tinha visto numa carta que minha mãe tinha escrito para o meu tio, quando estive em Petrópolis.

Fiquei torcendo para ele não me perguntar como eu tinha encontrado a carta. Muito complicado isso de não mentir, sinceramente! Por sorte ele não perguntou nada.

Enquanto andava pelo jardim, fui pensando no meu beija-flor, que tinha morrido de fome que nem a cachorra Laika, sozinha no foguete. Mesmo que minha mãe tenha dito um milhão de vezes que não tinha sido culpa minha (eu não sabia o que estava fazendo), mesmo assim eu me sentia culpado pela morte dele.

Pensava nisso e ao mesmo tempo ouvia o ex-namorado da minha mãe falar umas coisas sobre Petrópolis, sobre aquele lugar onde ele morava e não sei mais o quê.

Quando entramos na casa, ele me perguntou se eu queria alguma coisa, uma água, um suco, um refrigerante. Pedi água. Ele foi buscar e na volta me perguntou se eu já conhecia Petrópolis. Não, respondi, e bebi minha água de um gole só (nem tinha me dado conta de que estava com tanta sede).

“E então, Pedro, você veio me procurar por quê?”

Pensei um pouco antes de responder. Eu já havia me preparado para aquela pergunta e sabia qual era a resposta, mas fiquei buscando o jeito certo de dizer.

No ônibus, pensei comigo que a primeira coisa que o ex-namorado da minha mãe ia me perguntar seria por que eu estava ali. Pensei em várias formas de responder e escolhi a mais direta. Se era para falar, que falasse logo e pronto. Até porque, falando assim direito, de uma vez, ele ficaria tão surpreso que nem teria tempo de disfarçar, de arranjar uma mentira.

“Eu acho que a minha mãe está viva.”

Ele ficou me olhando como se não estivesse entendendo nada. Depois disse:

“Bom, suponho que sim.”

Pronto, agora tinha sido minha vez de não entender droga nenhuma!

Quer dizer, não conseguia entender como ele podia ter dito aquilo daquela forma, como se estivesse dizendo uma coisa muito simples, sem nada de anormal.

Ficamos olhando um para o outro, em silêncio. Então ele continuou:

“Acho que tem alguma confusão aqui, Pedro. Você vem até a minha casa e diz que acha que a sua mãe está viva. Por que você disse isso? Por que ela não estaria viva?”

Foi aí, de repente, que entendi tudo. Aquele cara não sabia da morte da minha mãe.

• • •

“Meu tio me disse que minha mãe sofreu um acidente de carro, depois de ter saído daqui, da sua casa. E que ela morreu no acidente.”

Ele levou um susto, como se não estivesse acreditando no que tinha acabado de ouvir.

“O que é que você está me dizendo, Pedro? Sofia? Sofia morreu num acidente de carro?”

“Pelo menos foi o que meu tio me contou.”

Ele ainda parecia bastante abalado com a notícia, mas conseguiu dizer:

“Eu nunca mais vi sua mãe. A gente brigou quando ela esteve aqui, achei que ela tivesse sumido porque não queria mais nada comigo. Poxa, eu não fiquei sabendo de nada. Ninguém me contou nada.”

Ele se levantou, foi até a mesa onde havia deixado a bandeja com a jarra d’água. Encheu o copo. Bebeu.

Depois continuou:

“Eu não podia saber mesmo. Não conhecia nenhum parente da Sofia, nem o irmão dela cheguei a conhecer. Não tinha por que me avisarem.”

Ele parecia arrasado e achei que precisava trazer de volta à realidade o ex-namorado da minha mãe. Então disse:

“Você não entendeu. Meu tio me contou que minha mãe está morta, mas não acredito, acho que ele está mentindo. Acho que ela está viva.”

“E por que seu tio estaria mentindo sobre uma coisa dessas, Pedro?”

“Não sei, isso eu ainda não sei.”

Ele se aproximou, sentou do meu lado no sofá e colocou o braço sobre o meu ombro.

“Olha, Pedro, preciso lhe contar uma coisa.”

• • •

Um dia, na escola, vi a reprodução de um mapa antigo, do tempo em que acreditavam que a Terra era plana. Fiquei um tempão diante daquele mapa, observando os detalhes e pensando: como será que as pessoas dessa época imaginavam que fosse o mundo? Como funcionava a cabeça delas naqueles tempos?

Pensei comigo que um mapa antigo é como uma carta descrevendo um lugar que não existe mais. Por exemplo, você vai a uma cidade e fica sentado no alto de um morro, vendo as casas lá embaixo. Aí você escreve uma carta ao seu melhor amigo contando exatamente como é a tal cidade, vista de cima.

Anos depois esse amigo resolve visitar aquela cidade e leva com ele a carta que você escreveu. Chegando lá, procura o tal morro. Não existe mais, ele pensa. Ou existe, mas agora tem um monte de casas subindo por ele e no alto colocaram uma antena de televisão.

Seu amigo não desiste. Sobe até o topo do morro e fica sentado num cantinho qualquer, procurando saber exatamente de onde foi que você viu a paisagem que descreveu para ele na carta. Escolhe um lugar e dali observa o que está lá embaixo. E lá embaixo tem um monte de prédios, de carros, de fábricas, uma confusão danada de gente, uma barulheira infernal.

Ele para e conclui que há duas hipóteses: ou a cidade mudou muito ou você mentiu.

Seria simples se o seu amigo tivesse apenas essas duas opções. Mas nesse negócio de cartas e mapas nada é muito simples, concorda? Ele, se fosse alguém que gostasse de comparações, poderia comparar essas duas hipóteses com outras.

Por exemplo: você pode ter se confundido, falando o nome errado do morro. O morro certo estaria do outro lado da cidade, que é um lugar bem mais tranquilo. Nesse caso, nem você mentiu nem a cidade mudou.

Por isso é importante comparar, como dizia o Ingemar. Ele comparava tudo. Achava que a vida dele tinha muito a ver com a vida da cachorrinha Laika, os dois sozinhos, meio abandonados. Ele na Terra, ela a caminho da Lua. E quando o Ingemar dizia “podia ter sido pior” estava comparando também.

Não se deve tirar conclusões precipitadas, é o que eu penso. Não sei se você concorda.

•••

O ex-namorado da minha mãe começou a contar sua história.

Contou que tinha sido apaixonado por ela. Que tinha sido uma paixão fulminante (me perguntou se eu sabia o que significava “fulminante” e eu nem respondi, só dei um risinho, para ele se lembrar de que eu não era nenhuma criança).

Disse que minha mãe gostava muito de mim, me amava muito, e estava preocupada porque ainda não tinha contado a verdade sobre os dois.

Deu uma pausa, se levantou, foi até a janela. Parecia que estava escolhendo as palavras. Então se virou e disse:

“Só que dessa vez era diferente, sabe, Pedro.”

“Diferente por quê?”

“Dessa vez sua mãe estava pensando num compromisso mais sério. Estava pensando em casamento.”

Aí fui eu que me levantei e fiquei caminhando pela sala, meio nervoso. Fiquei pensando que aquele cara ali, que parecia gente boa, por pouco não tinha sido meu pai.

Minha mãe não falava em casamento na carta, mas fazia sentido. Não havia motivo para ela não contar do namorado se já tinha acontecido antes, duas vezes. Se ela não contou dessa vez era porque tinha mesmo algo de diferente no namoro.

“Ela ia contar tudo a você, Pedro”, ele disse, agora novamente perto de mim, com a mão no meu ombro.

Abaixei a cabeça e fiquei olhando meus pés. Havia uma mancha de barro no meu tênis. Devia ser uma mancha bem antiga porque estava meio amarelada. Quando chegar em casa preciso lavar esse tênis imundo, pensei comigo mesmo.

• • •

“Depois que minha mãe saiu daqui você não tentou falar com ela? Não ligou nem nada?”

Ele se sentou no sofá e respirou fundo. Depois disse: “Olha, Pedro, a vida é meio complicada às vezes.”

Eu sabia disso.

“Eu amava sua mãe, juro que é verdade. Mas aconteceu algo que a gente não podia prever.”

Fiquei esperando ele completar a frase.

“Uma discussão. Foi isso que aconteceu. Ela chegou numa segunda-feira, para um encontro de literatura que estava acontecendo na cidade. Estava tudo indo muito bem, tudo certo, mas um dia tivemos uma discussão, coisa boba, nem vale a pena contar, uma besteira. Mas aquilo virou uma avalanche, uma bola de neve, e de repente eu e sua mãe estávamos aos gritos aqui dentro.”

Ele olhou para mim e ficou esperando minha reação. Não fiz nada, não saí de onde estava, acho que nem pisquei os olhos. Ele continuou:

“Ninguém pode prever essas coisas. Aconteceu. Sofia às vezes era um pouco impulsiva, fazia coisas sem pensar. Depois da discussão eu me acalmei um pouco, queria fazer as pazes, mas quando me dei conta ela já estava descendo a escada com sua mala. Tentei impedir que ela fosse embora, mas não teve jeito. Ela saiu, bateu a porta, entrou no carro e pegou a estrada.”

Pensei comigo: minha mãe tinha escrito a carta antes de eles terem brigado, por isso ainda estava falando tão bem dele.

“Depois, liguei várias vezes, Pedro. Ligava todos os

dias, deixava recados na secretária, tentei no celular, mandei e-mails. Um dia desci, fui até a casa de vocês, mas não tinha ninguém. O prédio não tem porteiro, você sabe, e o jeito foi deixar um bilhete na caixa de correio. Tentei de tudo, mas não consegui falar com sua mãe.”

Ele respirou um pouco, depois disse:

“Se eu soubesse. Se seu soubesse que ela estava no hospital.”

Colocou o rosto entre as mãos e ficou assim, calado. Cheguei mais perto. Eu estava com raiva porque fiquei pensando, enquanto ouvia essa história toda, que ele tinha sido o culpado pela morte da minha mãe, se ela tivesse mesmo morrido no acidente. Se não tivesse brigado com ela, minha mãe não desceria a serra daquele jeito, nervosa, angustiada, e não teria capotado o carro.

Mas ao mesmo tempo estava com um pouco de pena dele. Tinha me tratado bem, não me chamou de louco nem nada, parecia uma boa pessoa. Achei que devia falar alguma coisa e falei:

“De vez em quando acontecem umas coisas ruins por causa de uma coisa que a gente fez, mas nem sempre a gente tem culpa. Já aconteceu comigo.”

E aí contei a história do beija-flor. No final ele riu e disse que eu era um garoto muito bacana.

“E além do mais, ninguém garante que minha mãe morreu. Acho que ela está viva.”

“Por que você acha isso?”

Contei tudo o que eu vinha pensando, os fatos, as

hipóteses, tudo. Quando terminei ele ficou calado um tempinho. Depois disse:

“Você quer almoçar comigo? Podemos conversar com mais calma sobre esse assunto.”

Tudo bem, respondi, não só porque queria conversar, mas também porque estava morrendo de fome e não queria almoçar sanduíche com suco de laranja em caixinha.

• • •

Se pudesse escolher um bicho para morar comigo, para ser meu amigo, não seria nem cachorro, nem gato, nem passarinho. Se pudesse, escolheria um *hedgehog* (você pode chamar de *hedge*).

Um *hedge* é uma espécie de porco-espinho. Tem o corpo coberto de espinhos e o focinho comprido. E também se parece com um rato. Mede uns quinze centímetros e pesa menos de meio quilo.

Sei tudo sobre os *hedges*. Sei que eles (pelo menos esses que a gente pode adotar) resultaram do cruzamento de duas espécies africanas, a *albiventris* e a *algerius*, do gênero *Atelerix*. Sei também que são mamíferos primitivos, surgiram faz cem milhões de anos e são raros no Brasil.

Quando se sente ameaçado, o *hedge* vira uma bola. É uma forma de se defender dos predadores. Mas se você tiver um em casa, não tem problema porque ele é muito manso e não vai virar bola de espinho assim

sem mais nem menos. Quer dizer, se você deixar o coitado cair no chão é provável que ele se sinta ameaçado e você vai ter que pedir milhões de desculpas se quiser que ele volte ao normal.

E é muito fácil criar um *hedge*. No seu *habitat* natural, a selva, ele só come insetos. Mas na casa de um humano se dá bem com ração para gatos (e você só precisa dar a ração uma vez por dia). Também é bom dar de vez em quando um pedaço de queijo minas (ele adora) e alguns insetos (de preferência grilos, mas se não tiver pode ser qualquer um).

E se você precisar viajar, pode deixá-lo sozinho por vários dias. Mas é claro que eu jamais faria isso se tivesse um *hedge*. Levaria ele sempre comigo, até porque quase não ocupa espaço e pode viajar dentro da sua mochila (se você deixar uma parte aberta para ele poder respirar, claro).

Infelizmente, descobri os *hedges* um pouco tarde demais. As crianças costumam pedir um animal de estimação logo cedo e eu fugi à regra. Nenhum deles me atraía muito, como lhe contei. Quando conheci os *hedges*, já tinha treze anos. Fiquei sem jeito de pedir para minha mãe porque são muito caros. Sabia que ela não poderia comprar um e ficaria muito triste por isso. E a última coisa que eu queria na vida era ver minha mãe triste.

Depois que vim morar com meu tio, pedi um *hedge* para ele porque meu tio é muito rico, como já disse. Ele me perguntou o que era e eu expliquei. Ele me

perguntou se era permitido ter um bicho desses em casa. Eu disse que sim, mas era caro e difícil de comprar. Precisava importar de outro país. Ele me perguntou onde poderia comprar um *hedge*. Respondi que na Europa ou nos Estados Unidos. Ele prometeu que na próxima viagem me traria um. Estou esperando.

• • •

Fomos para a cozinha, eu e o ex-namorado da minha mãe.

“Quem vai fazer o almoço?”, perguntei.

“Que tal eu mesmo?”

Dei de ombros. Achei que ele queria me impressionar, como se dissesse: o que foi, nunca viu homem cozinhando?

“Quer me ajudar?”, ele perguntou, já colocando um avental.

Pensei um pouco. Não gostava muito da ideia de cozinhar com um estranho. Minha mãe me dizia que só se deve cozinhar com pessoas de quem a gente gosta muito. Na verdade, eu só havia cozinhado com ela.

“Você e minha mãe cozinhavam juntos?”, perguntei.

“De vez em quando sim.”

Concluí que, se eu cozinhava com minha mãe e minha mãe cozinhava com aquele cara, eu também poderia cozinhar com ele. Era uma questão de lógica, não era?

“E então, Pedro, vai me ajudar ou não?”

Fiz que sim com a cabeça. Ele pegou outro avental na gaveta e meu deu. Ficou meio grande. A verdade é que não estava acostumado a usar aquele troço. Mas aceitei assim mesmo (se não aceitasse ele poderia pensar que eu era mal-educado).

“O que vamos fazer?”, perguntei.

“Pensei num risoto de camarão. Pode ser?”

“Tudo bem.”

Ele pegou uma caixa de arroz arbóreo no armário e tirou um pote com camarões da geladeira. Perguntou se eu queria alguma bebida enquanto preparávamos o almoço. Aceitei um guaraná.

Levamos os ingredientes todos para uma mesa grande, de madeira. Ele me deu tomates e pimentões verdes para picar, enquanto lavava os camarões com suco de limão. Depois me levou até a varanda e mostrou a jardineira com temperos: salsa, cebolinha, hortelã e orégano. Com uma tesoura cortou um pouco de cebolinha e salsa e voltamos à cozinha.

Aquilo tudo tinha método, percebi logo. Minha mãe também cozinhava daquele jeito, preparando todos os ingredientes em pratinhos separados antes de fazer qualquer coisa no fogão. Ela achava aquilo bonito (e eu também). Fiquei vendo os pratinhos com os temperos, os camarões, o arroz, cada coisa de uma cor diferente da outra.

Fizemos (quer dizer, ele fez, eu só ajudei) o risoto numa frigideira grande, regando sempre com um pouco de vinho branco e colocando aos poucos um caldo de açafraão preparado à parte.



Conversamos bastante, enquanto cozinávamos e também depois, durante o almoço.

Ele achava que eu deveria ir com calma nesse negócio de investigação. Disse que a minha mãe gostava muito do meu tio.

“A Sofia me falava muito bem dele. Dizia que ele era muito fechado e de temperamento difícil, mas não era má pessoa. Você sabia que ele ajudou a cuidar da sua mãe quando os dois eram crianças?”

Eu sabia, ela havia me contado isso. Meu tio era dez anos mais velho que minha mãe e quando eram crianças ele é que tomava conta dela quando meus avós precisavam sair de casa.

“Então por que seu tio inventaria uma coisa dessas? Dizer que sua mãe morreu? Por quê? Ele gostava dela, tenho certeza. E por dinheiro também não pode ser, ele não precisa disso.”

“Mas então por que ele não me deixa visitar o túmulo da minha mãe no cemitério? Por que nem fala qual cemitério é? E por que não me deixou ver minha mãe quando estava no hospital, depois do acidente? Por que ele fica me escondendo um monte de coisas?”

“Seu tio deve ter os motivos dele.”

Ele deu uma pausa. Bebeu um pouco de suco e depois disse:

“Sabe o que eu acho? Que você devia falar tudo com ele, tudo que você está pensando. E aí acabava logo esse mistério.”

“Não confio nele, já disse.”

“Pensa bem. Você tem uma dúvida e precisa de uma resposta. E eu infelizmente não vou poder ajudar.”

“Por quê? Por que você não pode me ajudar? Você não ia se casar com ela? Não gostava dela?”

“Claro que gostava. Eu amava a Sofia. Mas já disse, pensei que ela não quisesse mais nada comigo, que tivesse fugido de mim. E você sabe, precisei me acostumar com isso, com a ausência dela, precisei arranjar minha vida, trabalhar, levar uma vida normal, entendeu?”

“Você arrumou outra namorada?”

“É, mais ou menos.”

“E não pensa em casar?”

“Por enquanto não.”

Terminamos de almoçar e ele me ofereceu uma salada de frutas de sobremesa. Enquanto comia, repeti a ele o que tinha dito desde o início:

“Preciso saber a verdade, se minha mãe está viva ou morreu naquele acidente.”

“É só perguntar ao seu tio. Fale das suas dúvidas, diz que você me procurou, abre o jogo.”

Não respondi.

Tiramos a mesa e colocamos tudo na pia da cozinha. Ele disse que não precisava lavar, depois cuidava disso. Perguntou se eu queria ir ao cinema.

“Estão passando de novo o *Inteligência Artificial*, do Spielberg. Você já viu?”

Eu tinha visto, mas em DVD. Gostei muito do filme

e achei que seria um programa assistir de novo, agora no cinema.

• • •

Há umas catorze espécies de *hedges* e pouca gente sabe disso.

Um *hedge* não enxerga lá muito bem. Se você visse os olhos dele entenderia por quê. São dois tracinhos no rosto, uns olhinhos que nem parecem de verdade.

Ele entende as coisas em volta dele pelo olfato, como se fosse um cachorro míope. Por isso, se você tiver um *hedge* não deve ficar mudando de sabonete ou usando perfume nas mãos porque ele pode estranhar você. E ele não deve estranhar porque você vai ser a única proteção dele. Se ele inventa de achar que você é inimigo, em quem vai confiar?

Quando ele chegar na sua casa, é conveniente você ficar pertinho dele, ir de vez em quando fazendo um carinho, para ele se acostumar com seu cheiro e ver que você não vai machucá-lo. Depois ele fica seu amigo.

Alguns deles adoram brincar. Outros preferem dormir. Se eu tivesse um, não sei qual escolheria, se o dorminhoco ou o brincalhão. Escolher é sempre um problema, como já disse.

Eles preferem, na verdade, dormir de dia e passear de noite. Você pode deixar seu *hedge* solto de noite, se quiser, porque ele não irá muito longe, principalmente se a porta do seu quarto estiver fechada. E vai se cansar

logo porque não é muito de farra não. Mas é claro que você corre o risco de virar de lado na cama e levar uma bela de uma espetada.

Sei tudo sobre os *hedges*. E um dia meu tio vai me dar um. Pelo menos foi o que ele disse.

• • •

Depois do cinema o ex-namorado da minha mãe me perguntou se eu queria uma carona para o Rio. Precisava resolver uns problemas na segunda-feira e tinha pensado em descer na segunda mesmo. Mas podia ir naquele sábado, assim aproveitava para sair com uns amigos dele.

“Você tem apartamento lá?”

“Quem me dera! Não tenho não. Quando vou fico na casa de um amigo.”

Aceitei a carona. Mais tarde, no carro, descendo a serra, ele veio me contando umas coisas lá da vida dele. Conversamos bastante. Me dei conta de que fazia tempo não conversava tanto com um adulto.

Ele me disse que era engenheiro e trabalhava numa construtora em Petrópolis. Mas o seu sonho era mesmo ser escritor.

“Que nem minha mãe?”

Ele ficou um tempo calado. Achei que não tivesse ouvido e repeti a pergunta.

“É, que nem a sua mãe”, ele disse finalmente.

Depois ficou calado de novo, durante um tempo. E aí perguntou:

“Você chegou a ler o livro da sua mãe, Pedro?”

“*O mergulhador*? Li sim. Adorei.”

Ele dirigia devagar e eu ia vendo pela janela os escuros da noite. Não é verdade que existe uma escuridão só. Eu via o contorno das árvores, algumas nuvens, certo clarão em torno das estrelas e pensava: o escuro tem um monte de escuros dentro. Se você for comparar, vai concluir que há vários escuros na noite.

E se você observar esses escuros de um ponto fixo (do alto de um morro, por exemplo), eles são de um jeito. Se for da janela do carro, são de outro, completamente diferente. Por isso é preciso comparar, para não confundir as coisas.

“E você, leu?”, perguntei.

“Não. Ela me falou do livro, mas não chegou a me mostrar. Você tem uma cópia?”

“Já tive. Mas ela guardou não sei onde.”

“Não tem no computador, nos arquivos dela?”

“Meu tio disse que apagou tudo.”

Fiquei me perguntando por que minha mãe não tinha dado a história para ele ler. Talvez não tivesse tido tempo. Ou então ela deu e ele não leu, de preguiça, e agora estava com vergonha de me contar.

“Você já escreveu algum livro?”, perguntei.

“Não, ainda não.”

Voltei a olhar para fora do carro. Já estávamos no meio do caminho, a serra tinha ficado lá atrás. De repente comecei a pensar numas coisas tristes. Pensei: minha mãe sofreu o acidente nesta estrada, talvez

tenha morrido aqui. Onde será que foi?, perguntei a mim mesmo, em silêncio.

Depois pensei no meu pai. No pai que tive e não tive ao mesmo tempo. Como teria sido minha vida se ele não tivesse morrido tão cedo? Será que eu estaria naquele carro, àquela hora da noite, voltando para casa? Fiquei pensando na vida que não vivi, na vida que poderia ter tido.

“Se você e minha mãe tivessem se casado, você seria meu pai, não seria?”

“Tecnicamente, seria seu padrasto.”

“É verdade.”

Depois de um tempo ele perguntou:

“Você gostaria disso?”

“Disso o quê?”

“Você gostaria se eu tivesse sido seu pai, ou seu padrasto, mas como se fosse pai mesmo, de verdade?”

Não respondi.

Ele também não insistiu. Ligou o rádio do carro e ficamos um tempão em silêncio, só ouvindo música.

“Você acha que poderia subir no próximo fim de semana, Pedro?”

“Não sei. Depende do meu tio. Não sei quando ele vai chegar. Se estiver viajando, tudo bem, se não tenho que pedir. Por quê?”

“É que na sexta-feira vou fazer uma caminhada com um pessoal de montanhismo. Você sabia que existe uma trilha pelas montanhas ligando Petrópolis a Teresópolis?”

Já tinha ouvido falar. Uma amiga da Marina tinha feito essa caminhada.

“É uma que leva três dias?”

“Isso mesmo. São trinta e poucos quilômetros. Precisa ter preparo, hein!”

“Eu consigo.”

“A gente vai caminhar muito. E dormir em barraca. Saímos na sexta e voltamos na segunda. Você tem escola na segunda?”

“Estou de férias.”

“Então pronto. Se o seu tio deixar, você pega o ônibus na sexta de manhã. Pego você na rodoviária e a gente vai.”

“Posso levar uma amiga?”

Ele riu. Depois perguntou, meio cínico:

“Amiga ou namorada?”

“Amiga”, respondi, sério.

“Pode sim.”

Aquilo nem parecia de verdade. A ideia de ficar três dias nas montanhas, de dormir em acampamento, tudo aquilo era tão genial que por um momento até parei de pensar na minha mãe ou no mistério sobre a minha mãe.

Ou talvez nem devesse mais me preocupar com isso. O Tiago estava certo, aquilo tudo devia ser maluquice da minha cabeça. Assim que meu tio chegasse de viagem eu iria falar com ele e contar tudo. Ele devia ter uma boa explicação e a gente resolvia logo essa bobagem. Chega de bancar o detetive.

Depois olhei para o Tiago. Olhei um pouco, sem dizer nada.

“O que foi?”, ele perguntou, meio rindo.

“Eu gostaria sim.”

“Como?”

“Eu gostaria sim se você fosse meu pai.”

Ele esticou o braço e passou a mão na minha cabeça. Em seguida voltou a segurar o volante, enquanto eu tornava a olhar pelo vidro do carro os escuros lá fora.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 4

NO DOMINGO, meu tio me ligou da Alemanha. Disse que tinha pensado em voltar na segunda, mas ia precisar ficar mais duas semanas porque surgiram uns problemas no trabalho.

Perguntou se eu estava bem. Respondi que sim. Perguntou se Irene estava cuidando bem de mim. Estava, respondi. Pediu para eu anotar um número de telefone, caso precisasse de alguma coisa, e disse que tinha deixado dinheiro com a Irene, se eu precisasse.

Pensei em perguntar se podia fazer a caminhada no próximo fim de semana. Não queria mentir. Mas, se você pensar bem, não estava mentindo, apenas deixando de contar a verdade, o que é bem diferente.

Se ele me perguntasse o que eu ia fazer no próximo fim de semana e eu respondesse: nada, vou ficar por aqui mesmo. Se respondesse isso estaria mentindo, lógico. Como não me perguntou, não precisei mentir, concorda?

No final da ligação ele me perguntou se eu ainda queria um *hedge*. Disse que sim, queria muito. Ele falou que estava tentando conseguir um na Alemanha. Se desse, traria na volta. Agradei e fiquei pensando: da

próxima vez que eu for subir uma trilha na montanha, posso levar meu *hedge* comigo.

Dormi muito bem naquela noite. Nem tive pesadelo.

• • •

“Minha mãe não vai deixar”, Marina me disse.

“Tem certeza?”

“Seu tio também não deixaria, se estivesse aqui.”

“É verdade.”

“Minha mãe não conhece o ex-namorado da sua mãe. Não ia me deixar viajar com você e um homem desconhecido.”

“Ele é gente boa, pode acreditar em mim.”

“Eu acredito. Minha mãe é que não vai acreditar.”

Estávamos na praia nessa hora. Ela pediu outro sorvete para o moço da barraca.

“Você podia tirar umas fotos e me mostrar depois.”

“Você sabe que não gosto de fotos.”

“Ah, é, tinha esquecido.”

Desde que minha mãe desapareceu nunca mais tirei foto. Nem vi foto de ninguém. Já não gostava antes. Depois que ela sumiu, então, não gostava mesmo! Não sabia por que não gostava, simplesmente não gostava. Achava estranho ficar fazendo sorriso e depois vendo aquele sorriso na foto, não era muito natural. E mesmo quando me pegavam desprevenido, mesmo assim eu odiava sair em foto.

As únicas fotos que eu via eram as do meu pai, que

minha mãe tinha guardado. Queria muito me lembrar dele. E se não dava para lembrar, eu pelo menos fingia que lembrava, vendo as fotos dele no álbum.

Fingir que você se lembra de alguém não é fácil. É uma coisa impossível, pensando bem. Ou a gente lembra ou não lembra. Não dá para fingir. Mas eu tinha um monte de maluquices morando na minha cabeça, você deve ter percebido. Uma a mais, uma a menos, não ia fazer diferença.

Depois que minha mãe morreu nem as fotos do meu pai eu quis ver mais. Acabei com o fingimento, não queria mais me lembrar de ninguém, só dela, de ninguém mais, pronto e acabado. Isso significa que tem muito espaço sobrando na minha memória. E não tenho a mínima ideia do que fazer com ele.

• • •

A melhor época para fazer a travessia Petrópolis-Teresópolis é entre maio e agosto, porque chove menos. Mas faz muito frio. É preciso estar bem preparado fisicamente e ir com um guia ou um grupo experiente. E além do seu material (uma boa mochila, barraca, saco de dormir, garrafa d'água etc.) é preciso que alguém leve um mapa e uma bússola. E, claro, alguém do grupo deve saber ler um mapa e consultar uma bússola (eu mesmo, por exemplo).

O primeiro dia é o mais cansativo porque você precisa subir do bairro do Bonfim, em Petrópolis, até os castelos do Açú e o terreno é muito inclinado. É uma

boa parar na Pedra do Queijo (meu *hedge* ia adorar isso). O único problema é que todo mundo pensa a mesma coisa e fica um bando de turistas tirando foto. E odeio foto, como já disse.

O segundo dia da travessia é o mais complicado, em termos de navegação. Se o tempo estiver fechado, já era. É preciso estar aberto para se poder fazer uma navegação visual, sempre com uma bússola à mão. No segundo dia a gente pode ter a vista da Pedra do Sino (que se chamava originalmente Pedra do Cimo e o povo trocou o nome, não tem nada a ver com a figura de um sino nem nada).

Também se pode ver, nesse pedaço, a Pedra do Garraão. Depois de mais ou menos duas horas de caminhada você consegue ver a Pedra do Açú, que é enorme. E descendo por uma encosta a gente chega ao Vale das Antas, onde você pode acampar, se quiser. Ou pode continuar mais um pouco e acampar na Clareira do Quatro. Mas se você acredita em fantasma isso pode ser um problema, porque a clareira tem fama de mal-assombrada (dizem que tem um cavalo fantasma que mora lá e galopa e relincha de noite, bravo toda vida!).

Tanto do Açú como da Pedra do Sino você pode ver lá embaixo a Baía de Guanabara, a ponte Rio-Niterói, o Corcovado, o Pão de Açúcar e também algumas cidades vizinhas.

No terceiro dia você deve acordar bem cedo e começar a descida até a sede do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (que tem onze mil hectares!), em Teresópolis.

Aí você pode tomar banho de cachoeira ou de rio e voltar para casa fresquinho.

• • •

Tudo isso descobri nas minhas pesquisas sobre a travessia. Usei emprestado o computador da Marina porque meu tio não tem internet em casa. Ele diz que não é aconselhável um garoto de catorze anos ficar navegando sozinho na rede.

Eu só pensava no passeio. Juntei todas as informações que podia (essas aí são apenas algumas). Peguei o dinheiro com a Irene e comprei uma mochila especial (uma cargueira de 77 litros!) e todo o equipamento de que ia precisar.

Não aguentei esperar o Tiago me ligar na quarta-feira para confirmar o passeio, como havíamos combinado. Liguei eu mesmo, na segunda de noite. Ninguém atendeu. Na terça tentei de novo, quatro vezes, durante o dia e de noite também. Só caía na secretária. Ele devia estar no Rio, como havia me falado, e eu não tinha o celular dele. O jeito era esperar a quarta-feira.

• • •

Você já parou para pensar que nada no mundo está parado? Os planetas se movem. O Sol se move. As nuvens se movem, o mar se move, o ar se move. Se você pensa nos maremotos, nos tufões, nos terremotos, vai ter um exemplo bem claro de como o mundo não está parado.

E se observar um mapa-múndi, vai ver que alguns continentes parecem se encaixar perfeitamente um no outro. O contorno da América do Sul parece que cabe direitinho na África, já reparou? E sabe por quê? Porque há milhões de anos era tudo colado. Os cientistas já provaram isso. Era tudo uma coisa só, imensa, chamada *Pangea*.

Depois os continentes foram se movendo, indo um para longe do outro. E se você pensa que eles agora sossegaram, está redondamente enganado. Eles continuam se deslocando. Pouquinho, claro, a gente nem repara, mas estão se deslocando sim.

Até o fundo dos oceanos se move, se você quer saber. Os cientistas também provaram esse fato: o fundo dos oceanos está se expandindo.

E a cordilheira dos Andes? Você olha para ela e pensa: isso sempre esteve aí, essas pedras imensas já nasceram aí. Mas não é nada disso. A cordilheira apareceu por causa dos movimentos das placas tectônicas, há 65 milhões de anos. É como se fosse ontem, se você comparar com a idade do planeta (de cerca de 4 bilhões e 600 milhões de anos!).

Aí você pensa: mas quando alguém está em coma, no hospital, não está se movendo. Quando minha mãe estava nessa situação, alguém poderia chegar e dizer: essa mulher não se move, está absolutamente parada.

Mas nem isso é verdade. A Terra gira sem parar, em torno de si mesma. E também em torno do Sol. E se você está na Terra, obviamente está em movimento também. Você pode estar desmaiado, pode estar

amarrado numa cadeira, pode estar preso dentro do elevador, tanto faz! Você está se movendo, porque seu corpo está na Terra, e ela jamais fica parada.

Até se você morrer, nem assim você vai estar parado. Mesmo morto você está se movendo.

• • •

Na quarta-feira de manhã o Tiago não ligou. Esperei. Não ligou de tarde. Fui correr na praia, para passar o tempo e também me preparar fisicamente (não queria fazer feio na caminhada). De noite liguei para a casa dele. Caiu na secretária, de novo.

“Acho que você vai levar um bolo”, Marina me disse. Era quinta-feira.

“Será?”

“Tudo indica que sim.”

“Ele pode ter tido algum problema com o trabalho dele. De repente vai adiar o passeio.”

“É, também pode ser.”

Pensei um pouco numa coisa que me veio à cabeça. Fiquei na dúvida se dizia ou não. Acabei dizendo:

“E se ele tiver morrido, Marina?”

Ela ficou me olhando, de boca aberta.

“Ficou maluco? De onde você tirou essa ideia?”

Eu não sabia por que tinha dito aquilo, por que tinha pensado na hipótese de o Tiago ter morrido. Mas a verdade é que pensei. E pensei com mais força ainda quando, na sexta-feira, ele não ligou. E quase acreditei

de verdade mesmo na morte dele quando não ligou no sábado também.

Dormi muito mal naquele sábado. E tive pesadelo, claro, o que você queria?

• • •

No domingo acordei decidido: vou a Petrópolis. Precisava saber o que estava acontecendo. Já carregava comigo uma dúvida muito grande (sobre o sumiço da minha mãe) e não estava a fim de carregar outra.

Bastava pegar o ônibus, descer na rodoviária e caminhar até a casa do Tiago. Era perto e eu sabia como chegar. Se ele não estivesse em casa o porteiro poderia me dar alguma informação. O porteiro já me conhecia, tinha feito até uma brincadeira comigo quando fui me despedir dele, então iria me ajudar.

Preparei meu café e já ia saindo de casa quando tocaram a campainha. Senti um frio na barriga porque pensei que fosse meu tio, e aí necas de viagem a Petrópolis! Tudo bem, meu tio tinha a chave do apartamento, não precisava tocar a campainha, mas vai que tivesse perdido a chave?

Espiei pelo olho mágico. Era a Marina. Abri.

Ela entrou e foi logo me entregando um jornal.

“Já leu?”

Peguei o jornal e sem entender o que estava acontecendo me sentei no sofá. Marina continuou de pé, com os braços cruzados, olhando para mim.

“Li o quê, Marina?”

“Aí, Pedro, na sua frente. Não reconhece não?”

Bem que eu disse: odeio fotos. E por acaso era justamente uma foto que acabava de arrebentar comigo.

Aliás, não foi só a foto. A foto foi o começo. Depois li o que estava ao lado e aí entendi tudo.

“Que safado!”, Marina gritou.

A foto era do Tiago e tinha sido tirada na casa dele (reconheci o escritório, com a estante de livros e a cadeira de balanço). O texto dizia que ele tinha ganhado um prêmio literário importante, em Portugal, um prêmio para romances inéditos. Ele tinha viajado para Lisboa (por isso ninguém atendia na casa dele). O livro seria publicado primeiro em Portugal e logo depois no Brasil.

O título do livro você já deve ter imaginado qual era, não? Isso mesmo: *O mergulhador*.

Não podia acreditar. Aquele era o romance que minha mãe tinha escrito, o romance que ela não teve tempo de publicar!

“Lê aí do lado o resumo do livro.”

Eu já tinha contado a história do romance para a Marina. Por isso ela sabia exatamente o que havia acontecido quando viu a notícia do jornal.

Li o resumo. Era tudo igual, a mesmíssima história, o menino do sertão, o presidente, tudo igual.

E no final da matéria vinha outra coisa. O valor do prêmio: cinquenta mil. Euros.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 5

COMECEI A VOLTAR a fita, como num filme. O ex-namorado da minha mãe tinha me tratado tão bem porque não queria que eu desconfiasse de nada. E porque queria saber se eu também tinha lido o livro. Nesse caso, eu seria a única pessoa no mundo, além dele, que teria lido o livro da minha mãe.

Se naquele momento ele estava em Lisboa era porque a viagem já estava planejada. O pessoal do prêmio devia ter enviado com antecedência as passagens. Quando fui à casa dele, quando cozinhamos juntos e depois vimos o *Inteligência Artificial* no cinema, estava mentindo. O tempo todo mentindo. E mentiu também com a tal história da travessia, na montanha.

Não sei o que me deu mais raiva naquilo tudo. Se o que ele fez com a minha mãe ou se o que ele fez comigo.

“Isso não pode estar acontecendo”, eu disse.

Marina pegou o jornal da minha mão e se sentou do meu lado.

“Sinto muito, Pedro.”

Depois completou:

“E você comprou mochila e tudo.”

Não era difícil imaginar o que havia acontecido. Minha mãe deu a cópia impressa do livro (a mesma que eu li) para ele ler. Aí os dois brigaram e ela voltou para o Rio. Depois ele recebeu a notícia de que minha mãe tinha morrido (meu tio sabia do namoro deles e duvido que não tenha enviado pelo menos um telegrama). Quando soube disso, pegou os originais e mandou para o tal concurso, como se fossem dele.

“E vai ficar famoso às custas da minha mãe, Marina! E ganhou cinquenta mil euros! Esse dinheiro tinha que ser da minha mãe!”

De repente me bateu uma vontade imensa de que meu pai ainda estivesse vivo. Eu tinha certeza de que ele não mentiria para mim, nunca. E tinha certeza de que, se ele estivesse vivo, iria correr atrás daquele mentiroso, iria atrás dele lá em Portugal!

Marina chegou mais perto e passou a mão nos meus cabelos. Eu me deitei no ombro dela, mas me levantei logo depois. Se continuasse ali ia acabar chorando e não estava a fim de chorar. Não mesmo.

• • •

Precisava saber como alguém podia provar que era autor de um livro. Liguei para a minha professora de geografia. Era a única para quem eu podia ligar. E não apenas pelo fato de ser a única professora de quem eu tinha o telefone. De todos os meus professores, apenas ela havia publicado um livro.

Minha professora respondeu que os originais do livro tinham que estar registrados na Biblioteca Nacional, com o nome do autor ou da autora. Perguntei como fazer para saber se determinado livro tem ou não esse registro. Ela me explicou.

Depois perguntou o que estava acontecendo. Respondi que não podia contar. Ela perguntou se eu estava precisando de ajuda. Estava, claro, mas não queria envolver mais ninguém naquela história. E além disso estava com uma desconfiança geral dos adultos.

Tudo bem, podia confiar na minha professora de geografia se quisesse apenas ter aquela informação, ela gostava de mim e eu adorava as aulas dela, mas daí a pedir sua ajuda era outra coisa. Não dá para saber quando um adulto está mentindo. Eu tinha aprendido isso.

• • •

Na segunda-feira, fui até a seção de registros da Biblioteca Nacional. A atendente me pediu o título do livro.

“*O mergulhador.*”

Ela consultou os dados no computador e depois disse:

“Está registrado sim, meu querido.”

Não gosto que me chamem de meu querido, mas deixei passar.

“E quem é o autor?”

Não fiquei surpreso quando respondeu. Era ele, claro, o ex-namorado da minha mãe, que deve ter

planejado tudo. Deve ter lido o romance e pensado: olha que esse livro pode vender! E aí disse a si mesmo: duvido que a Sofia tenha registrado essa história. Quando soube da morte da minha mãe, foi à Biblioteca Nacional, conferiu que não havia registro e fez um, no nome dele.

Não tem jeito, pensei. Eu jamais conseguiria provar a verdade. Se nem cópia do romance eu tinha mais? Era melhor esquecer.

Mas o problema da memória é que você não pode ter controle sobre ela. Não é como memória de computador. No computador você pode deletar o que não quer e inserir o que quer. Você pode implantar lembranças na memória da máquina. É como se você dissesse: máquina, de hoje em diante quero que você se lembre da fórmula química do hipoclorito de sódio. E aí você não precisa se lembrar da fórmula química do hipoclorito de sódio e pode guardar lugar na sua cabeça para se lembrar de coisas mais interessantes para você.

Com pessoas não. As pessoas se lembram de coisas que não querem lembrar. E se esquecem de coisas que não querem esquecer. Isso é uma coisa ruim, uma falha imperdoável na fabricação das pessoas.

Queria me lembrar do meu pai e não posso. Queria me lembrar de como era minha mãe quando eu era bem pequeno e nem conseguia falar. Mas não posso. E queria não me lembrar de que conheci o ex-namorado da minha mãe, que cozinhei com ele, que acreditei nele. Queria apagar a imagem dele da minha memória.

E isso era outra coisa que eu não podia fazer.

• • •

Meu tio ligou novamente, de uma cidade na Espanha. Perguntou se só servia mesmo o *hedge*, se eu não gostaria de trocar por outro animal. Respondi que não, não podia. Ele respondeu que ia continuar tentando.

Falamos as coisas de sempre. Ele me perguntou o que eu andava fazendo. Respondi o que era possível responder, sem entrar em detalhes que me obrigariam a mentir. Ele quis saber se Irene estava cuidando bem de mim e da casa, perguntou se precisava de dinheiro.

Teria sido um telefonema como os outros, normal. Teria sido apenas um telefonema do meu tio, de algum lugar do mundo, mas não foi. E não foi por um pequeno detalhe: no final ele disse que estava com saudade.

Não soube o que responder. Não podia responder que também estava porque seria mentira e não queria mentir. Fiquei um tempo em silêncio e depois disse: tá.

Ele se despediu, coloquei o telefone de novo no lugar e não pensei muito naquilo. Queria ver um filme que estava passando num cinema perto de casa. Estava acontecendo um festival de cinema japonês e o que eu queria ver era um desenho chamado *A viagem de Chihiro*. Minha mãe tinha me prometido que pegaria esse filme para mim na locadora, assim que saísse em DVD, mas acabou não dando tempo. Me

lembro dela dizendo que era uma das melhores coisas que tinha visto.

Minha mãe vivia me dizendo isso, sobre livros e filmes. Ela se apaixonava toda semana por um livro ou por um filme novo. E falava com tanta animação, ficava tão empolgada que me dava vontade de parar tudo e ler o livro ou ver o filme. Nem sempre dava, porque ou eu estava muito atarefado com o colégio e outras coisas, ou ela estava trabalhando muito.

No dia em que meu tio ligou e disse que estava com saudade de mim eu tinha decidido não pensar em nada sério, não esquentar minha cabeça com nada. Combinei de pegar a Marina a tempo de a gente chegar para a sessão das duas.

• • •

O Ingemar, se tivesse nascido bicho e não gente, poderia ter nascido um *hedge*. O garoto que interpreta o personagem no cinema se parece um pouco com um *hedge*, com aquele seu cabelo todo arrepiado, como se fosse um porco-espinho.

Outra coisa: o Ingemar se adapta mais ou menos fácil aos novos ambientes. Sente falta da mãe, claro, mas a mudança de casa não é uma coisa assim tão complicada para ele. Com os *hedges* acontece o mesmo. Até quando muda de dono ele se adapta, sem maiores problemas.

Há exceções, como sempre. Há *hedges* mais agressivos, embora isso não seja muito comum. Nesse caso, os

cientistas dizem que a causa é quase sempre genética. Quer dizer, o *hedge* herda a agressividade dos ancestrais dele.

Engraçado isso, você herdar um traço da personalidade dos seus pais, ou avós, ou bisavós. Sei que existe, mas gostaria de entender como funciona. Quem sabe um dia. No momento, minha matéria preferida na escola é geografia (você já deve ter percebido), mas pode ser que no futuro eu queira estudar outras coisas e entenda exatamente como funciona esse negócio de ficar com características dos ancestrais.

Além de pequeno, o *hedge* é muito solitário. É diferente de um cachorro, que está sempre rodeado de outros cachorros ou de gente. Um *hedge* gosta de ficar sozinho, faz parte do temperamento dele. Pode ficar dias na sua casa sem você (mas acho que vai preferir se não for um tempo muito longo, eu acho).

Ele deve ficar a maior parte do tempo livre, para poder se exercitar. E quando você for construir um abrigo, pode ser feito de plástico, de vidro (um aquário vazio pode ser legal, principalmente se for do tipo retangular e espaçoso) ou de madeira. Você pode forrar o abrigo com algo macio (não pode ser jornal) e pode colocar uns brinquedos lá dentro também, se quiser.

Um *hedge* gosta de climas temperados. Nunca permita que ele passe do frio para o calor ou vice-versa de uma hora para outra. Se fizer isso, você vai estressá-lo profundamente.

• • •

Quando meu tio voltou de viagem não vinha trazendo nenhum *hedge*. Chegou mais animado do que das outras vezes e disse para eu não me preocupar, na semana seguinte iria aos Estados Unidos. Ele sabia que nos Estados Unidos não é tão difícil comprar um *hedge*.

“Foi uma amiga minha quem me contou. Ela é brasileira, mas mora lá.”

Meu tio não precisava ter perguntado a ninguém. Bastava se lembrar de vez em quando das coisas que eu dizia, já tinha dito aquilo umas cem vezes.

Ele foi tomar banho, mas antes perguntou se eu não gostaria de comer pizza.

“A gente pode pedir. Ou você prefere sair?”, ele perguntou.

Havia algo diferente no meu tio. Eu estava estranhando. Ele nunca foi de me tratar assim, com tanta atenção. Fiquei me lembrando da frase do último telefonema: estou com saudade. Estaria tramando alguma coisa?

“Podemos comer aqui mesmo, vendo tevê”, respondi.

“Ah não, Pedro, tevê não. A gente pede uma pizza bem gostosa, uns refrigerantes e vamos comer na mesa da varanda.”

Definitivamente, aquele ali não se parecia nada com meu tio.

“Hoje está calor, não está?”, ele perguntou.

Eu já estava começando a achar que ele estava tagarelando demais. Nunca falava comigo e agora resolvia

descontar tudo de uma vez? Não respondi. Fiquei na minha.

“Bom, vou tomar meu banho. Se quiser pode ir pedindo a pizza.”

“Você quer de quê?”

“Você escolhe. Confio no seu gosto”, ele disse, piscando para mim.

Perguntei à queima-roupa:

“Tio, você está bem?”

Ele ficou parado, me olhando. E então disse:

“Estou. Por quê?”

“Por nada.”

Continuou me olhando, meio desconfiado. Depois perguntou:

“E com você? Tudo bem?”

Fiz que sim com a cabeça.

“Deixa eu tomar meu banho. Depois conversamos, quando a pizza chegar.”

Pedi uma grande, de quatro queijos. O moço da pizzaria perguntou se eu não queria meio a meio, se não queria escolher também outro sabor. Ele sempre me perguntava isso, sempre, e eu sempre respondia: não, só gosto de pizza de quatro queijos.

• • •

Enquanto comíamos, meu tio começou com uma conversa meio estranha.

“Olha, eu sei que não tenho dado muita atenção a você.”

Hum, até que enfim ele tinha percebido isso.

“Gosto muito de você, Pedro, de verdade. É que ando trabalhando demais, é uma viagem atrás da outra, você nem imagina como é cansativo.”

“Então por que você não para?”

“Como assim?”

“Você já não tem bastante dinheiro? Não pode parar de trabalhar?”

“Não, ainda não.”

“Então por que não tira umas férias?”

“Estava pensando justamente nisso, sabia? Vou fazer essa viagem agora e na volta estava pensando em tirar duas semanas de folga. E aí, se você quiser, podíamos viajar juntos. Que tal?”

Dei de ombros. Aquilo podia ser uma tremenda de uma mentira. Quando voltasse da próxima viagem ele arrumaria uma desculpa qualquer e tudo voltaria ao normal. Só não entendia por que ele estava fazendo aquilo. Não tinha percebido exatamente aonde ele queria chegar.

“Você não pareceu muito animado com a ideia. Não quer viajar comigo?”

Não respondi.

“Está acontecendo alguma coisa, Pedro?”

“Não.”

E nessa hora cortei a pizza com tanta força que a faca escorregou no prato e um pedaço da pizza voou longe.

Saí da mesa, peguei o pedaço do chão e levei até a

cozinha. Coloquei no lixo e voltei pensando: droga, agora ele vai ter certeza de que eu estou mentindo.

• • •

Gostei muito do filme que vi com a Marina no cinema, o tal desenho animado japonês, *A viagem de Chihiro*. Quando saí do cinema falei com a Marina que era mais um para ficar na minha cabeceira, junto com *Minha vida de cachorro*. Ela me perguntou de qual dos dois eu gostava mais. Respondi que não sabia.

Agora, posso lhe dizer uma coisa com toda a sinceridade: os dois cabem na minha memória. É como se a minha memória fosse uma caixa e eu tivesse que colocar os dois lá dentro. Eles entrariam sem problema algum, cada um no seu canto, sem ficar esbarrando um no outro.

Eles dois e a história do Christopher também, claro. E nem preciso dizer que os três lembram a minha mãe, não é?

“Gostei mais desse”, Marina falou.

“Só porque a personagem principal é uma menina?”

“Não, claro que não. Nada a ver.”

“Por que então?”

Ela ficou pensando, pensando, e respondeu:

“Não sei explicar.”

Não toquei mais no assunto. Eu também não sabia explicar muita coisa, como você já deve ter notado.

• • •

Não sei se meu tio percebeu e fingiu que não ou se não notou nada mesmo. Pelo menos não foi direto ao assunto, não insistiu para que eu dissesse o que estava acontecendo, e isso me tranquilizou.

“Preciso lhe contar uma história, Pedro”, ele começou dizendo.

Fiquei gelado. Será que ele ia falar da minha mãe?

“Não é uma história tão interessante como as que a Sofia lhe contava. Na verdade, não é bem uma história, é só uma cena, uma situação que aconteceu comigo semana passada, em Berlim.”

Não, não era sobre a minha mãe. Droga!

“Você quer ouvir, Pedro?”

“Pode contar.”

“Eu estava almoçando com um cliente. Estávamos tratando de negócios sérios e a conversa não estava muito fácil não. Ele falava num alemão meio embo-lado que eu não conseguia entender direito. Por isso eu precisava prestar muita atenção no que ele estava dizendo.”

“Tio”, interrompi.

“O que é?”

“Um dia você me conta mais sobre o seu trabalho? Você faz o que na verdade?”

Ele riu.

“Conto sim. Depois eu conto. Posso continuar?”

“Pode.”

“Eu estava no restaurante, com o cliente, e no meio daquela conversa vi um menino com um bichinho no

colo, numa mesa perto da nossa. Ele era muito parecido com você, fisicamente. Devia ter a sua idade. E o bichinho que estava com ele eu já sabia qual era, porque tinha visto fotos na internet.”

“Um *hedge*? O garoto tinha um *hedge*?”

“Isso mesmo. Era um *hedge*. Estava dormindo e o menino acariciava de leve a cabeça dele.”

“Eles dormem de dia. E ficam acordados de noite. Era por isso que o *hedge* estava cochilando.”

“Pois é. Mas o que eu queria dizer é que de repente me bateu uma sensação muito estranha. Era como se o meu cliente não estivesse mais ali. Me desliguei completamente dele e fiquei olhando o menino.”

Ele bebeu um pouco de refrigerante. Já tinha terminado a pizza. Da minha ainda ficou um pouco no prato, mas devia estar fria. Eu tinha parado de comer e prestava muita atenção na história do meu tio.

“Então ele levantou os olhos e me viu. Ficou me olhando por um tempo, depois sorriu. O meu cliente devia estar estranhando o meu jeito, sem dúvida, mas eu não estava vendo nada, nem ele, nem ninguém, nem o restaurante, nada. Só o menino e seu *hedge*.”

“E o seu cliente não cutucou você? Não disse: ei, está me ouvindo?”

“Não sei, Pedro, juro que não sei porque logo em seguida uma mulher chamou o menino, do outro lado da rua. Devia ser a mãe dele, talvez. Ele se levantou e atravessou a rua correndo, com o *hedge* no colo. Só que não viu o carro.”

Fechei as mãos com força. Estava segurando o garfo e a faca sem perceber, atento à história, e nessa hora apertei os dois com tanta força que senti uma dorzinha nos dedos.

Deixei os talheres em cima do prato.

“O carro pegou ele?”

“Não, felizmente não. Mas freou em cima. O menino, a mãe, todo mundo que tinha visto aquilo levou um susto danado. Ele atravessou a rua e levou a maior bronca da mulher!”

“E aí? Você foi atrás dele?”

“Por que iria atrás dele?”

“Para perguntar onde ele tinha conseguido aquele *hedge*, claro!”

“Não, Pedro, desculpa, não fui atrás dele, não. Nessa hora voltei à realidade e o meu cliente já estava se levantando. Tinha ficado ofendido. Ou seja, perdi um cliente.”

“Hum”, eu disse, voltando a cortar a pizza, que já estava gelada.

“Mas sabe por que estou contando isso?”

“Não”, respondi, com um pedaço de pizza na boca.

“Quer que eu esquente?”, ele perguntou.

Respondi que não com a cabeça.

“Contei essa história porque pensei, naquele dia, no restaurante: esse menino podia ser o Pedro.”

Fiquei esperando ele continuar o raciocínio.

“Depois que sua mãe morreu prometi a mim mesmo cuidar muito bem de você. Acho que na parte material

tenho dado conta do recado. Mas voltei da Alemanha pensando que tenho ficado muito distante. Não queria que você achasse que não gosto de você, Pedro. Não é isso.”

“É o que então?”

“Já disse: muito trabalho. E talvez certa inexperiência também. Nunca soube lidar direito com crianças, com adolescentes. Sempre vivi sozinho, nunca pensei em ter filhos. Deve ter sido isso, não sei.”

Ele respirou fundo. Terminei de comer minha pizza fria.

“Gostaria muito de mudar essa situação. De ficar mais tempo com você, de conversar mais. Por isso falei da viagem. Seria uma boa oportunidade, não acha?”

“Se você quer me agradar, tio, se quer ser meu amigo, não precisa me levar numa viagem nem nada. Tem um jeito mais simples. E mais barato.”

“Qual?”

“Me deixa ver o túmulo da minha mãe.”

• • •

Ele não gostou mesmo do que ouviu. Bateu as duas mãos na mesa e gritou:

“De novo essa história, Pedro? Mas será possível?”

“Por que não? Por que não posso ver o túmulo da minha mãe? O que você está escondendo de mim?”, gritei também.

Estava com raiva do meu tio. E ele foi ficando mais nervoso.

“Não estou escondendo nada! Onde já se viu isso?”

“Está sim! Você é um mentiroso! Todos vocês! Está todo mundo mentindo!”

“Vocês quem? De quem você está falando?”

Nessa hora fiz uma coisa que não queria fazer, mas quando percebi já estava fazendo, empurrei o prato com força na direção do meu tio. O prato caiu em cima dele e o sujou todo. Ele levou um susto, não esperava aquilo. Ficou de boca aberta, me olhando. Eu me levantei e saí correndo para o meu quarto.

Tranquei a porta. Ele ficou batendo.

“Pedro, abre essa porta!”

Ficou batendo e repetindo isso. Eu nada. Me encostei na porta e fiquei ali, torcendo para que ele fosse embora.

Ele parou de bater e disse, mais calmo:

“Pedro, olha só, vamos conversar. Abre a porta. Só quero conversar com você, por favor”.

Não abri. Fui até a minha mesa de cabeceira e acendi o abajur. Depois apaguei a luz do quarto. Fiquei esperando ele bater de novo, mas ele não bateu.

Peguei na gaveta da mesinha o meu exemplar de *O estranho caso do cachorro morto* e me deitei na cama, de roupa, tênis e tudo.

Abri o livro a esmo, em qualquer página. Fiquei lendo e não lendo ao mesmo tempo. Lia as palavras, mas era como se não lesse porque não me concentrava nelas. Lia e tentava não pensar em nada, nem na história, nem no meu tio, nem na minha mãe. Tentava me apagar do mapa, parar de existir.

Fiz isso até que dormi, com a luz do abajur acesa e o livro sobre a barriga.

• • •

Acordei no dia seguinte. Era tarde, quase dez da manhã.

Tomei um banho, vesti roupa e fui tomar café. Irene tinha colocado a mesa. Debaixo da minha xícara havia um envelope, fechado, com a letra do meu tio na parte de fora.

Abri. Estava escrito: “Tive que ir ao escritório. Volto às sete horas e queria muito conversar com você. Estive pensando no seu pedido. Você pode me esperar, de noite?”.

Cá entre nós, aquele era o tipo do bilhete muito mal escrito. De que pedido ele estava falando? O que ele queria dizer com “Estive pensando sobre o seu pedido”?

Havia duas hipóteses e uma anulava a outra.

Hipótese número um: ele estava se referindo ao meu pedido de ver o túmulo da minha mãe. Ele tinha pensado bem durante a noite, se arrependera de ter falado daquele jeito comigo e queria fazer as pazes. Queria realmente ser meu amigo e como prova disso decidira me levar para ver o lugar onde minha mãe estava enterrada. E aí tudo estaria resolvido e não precisaríamos brigar mais.

Hipótese número dois: o pedido, no caso, seria o de ter um *hedge*. Ele tinha ficado muito puto com meu comportamento na noite anterior. Aquilo não era coisa de um garoto educado. Ele me dava tudo, comida, roupa, escola, livros, tudo o que eu pedisse ele comprava. Tinha até se esforçado bastante para comprar

um animal exótico: um *hedge*. Mas eu não merecia um *hedge*. Ele tinha pensado sobre o meu pedido e decidira que eu não merecia ganhar um.

Então, em qual hipótese acreditar?

E ainda tinha aquela frase: “Você pode me esperar, de noite?”.

O que ele estava querendo dizer com aquilo? Por acaso pensou que eu fosse fugir de casa? Que ele chegaria de noite e não veria mais o sobrinho porque o ingrato tinha fugido? Ou que eu ainda estaria no quarto, fazendo greve de fome e dizendo que só sairia quando ele promettesse me levar ao cemitério para ver o túmulo da minha mãe?

Bastante confuso o bilhete do meu tio. Mas não precisei me preocupar muito com o bilhete. Não demorou muito, saí de casa correndo (nem escovei os dentes). Isso foi logo depois do telefonema.

• • •

Chihiro é uma japonesinha de dez anos que está se mudando com os pais para outra cidade. Os três estão indo de carro para a casa nova quando o pai erra o caminho e vai parar num lugar cheio de árvores.

Há um túnel na frente deles. Os três descem do carro, atravessam o túnel a pé e vão dar numa clareira onde encontram construções abandonadas. Uma delas parece um restaurante, e há mesas com comidas deliciosas.

Os pais de Chihiro comem de tudo, sem saber que

aquele lugar é mágico. De noite, o lugar se transforma numa grande casa de banhos, frequentada por seres muito estranhos.

Por terem comido a refeição reservada aos fregueses da casa de banhos, os pais são transformados em porcos. Só Chihiro escapa, porque não comeu nada. Ainda assim, precisa arrumar um emprego nesse outro mundo em que ela entrou, caso não queira ser transformada também em um animal.

Ela consegue trabalho com a bruxa Yubaba, que é quem manda em tudo por ali. Em troca, a garota perde seu nome verdadeiro e passa a se chamar Sen. É desse modo que a bruxa consegue dominar todo mundo: roubando seus nomes verdadeiros.

Chihiro (agora Sen) vai viver um monte de situações incríveis e se encontrar com personagens muito doidos, como aquele que parece um fantasma dentro de um lençol preto (o nome dele é Sem-Rosto) e se apaixona por ela, ou como o bebê gigante, filho da feiticeira má, que é irmã gêmea de uma feiticeira boa. E tem ainda um deus fedido, e também a Lin, colega de trabalho da Chihiro (mas a Lin até que é normal).

O que mais me impressionou no filme foi uma coisa que acontece com o garoto chamado Haku, que fica amigo da Chihiro e vai tentar ajudá-la a salvar os pais e recuperar o nome verdadeiro.

Haku deve ser mais ou menos da mesma idade que Chihiro e é do bem. Mas aceita ser aprendiz da bruxa e acaba sendo enfeitiçado por ela. De vez em quando, o

garoto se transforma num dragão voador que obedece às ordens da feiticeira e sai pelo mundo fazendo toda espécie de maldades que você pode imaginar.

Depois Haku não se lembra do que fez. Foi isso que me tocou no filme, o fato de ele não ter memória da sua vida de dragão. Não se lembra de como é voar ou de como é matar pessoas e animais, por exemplo.

É como se toda noite ele fosse dormir e nunca se lembrasse, no dia seguinte, do que sonhou. Tudo bem que às vezes a gente não se lembra mesmo. Mas é diferente de não se lembrar nunca!

E o dragão? Será que o dragão se lembrava do que tinha sido quando era gente? Será que ele se lembrava de ter conhecido uma menina sem nome, muito bonitinha? E será que se lembrava de ter ficado meio apaixonado por ela? Ou será que memória de dragão é diferente?

Muito complicado isso da memória, é o que eu acho. Já havia chegado a essa conclusão e depois do filme confirmei que minha teoria estava certa. Um dia talvez algum cientista muito inteligente consiga explicar como funciona esse negócio, pode ser, mas eu duvido.

• • •

Quando o telefone tocou eu estava tomando o último gole de café. Esperei que Irene atendesse, mas ela devia ter saído para fazer compras no supermercado. Atendi.

Era alguém querendo falar com meu tio. Voz de mulher.

“Ele não está”, respondi.

A mulher esperou um pouco, em silêncio. Depois perguntou se eu era algum parente.

“Sou sobrinho dele.”

“Ah. E você pode anotar um recado, por favor?”

“Posso.”

Peguei papel e caneta, na mesinha.

“Diz a ele que é da Clínica Santa Cecília, do Leblon. Ele precisa vir aqui porque houve um probleminha com o cartão de crédito.”

“Ele tem o endereço?”

“Tem.”

A moça agradeceu e desligou. Anotei o recado num papelzinho e coloquei sobre a mesa do telefone. Fiquei olhando aquele nome escrito no papel e meditando. De repente me bateu uma intuição. Peguei o papel e saí direto para o apartamento da Marina.

Por sorte ela estava em casa. Não tinha tido aula de natação naquele dia.

“Posso usar seu computador?”, perguntei, assim que ela abriu a porta.

“Seria possível dar bom-dia primeiro?”

“Desculpa. Bom-dia.”

Ela me levou até o quarto. O computador já estava ligado, conectado à internet.

“O que aconteceu, Pedro?”

“Preciso descobrir uma coisa.”

“Que coisa?”

Sentei em frente ao computador e entrei no Google.

Digitei as palavras: Clínica Santa Cecília. Veio uma lista de sites. Havia algumas clínicas com esse nome espalhadas pelo país, inclusive no Rio. Mas nenhuma no Leblon.

Marina já tinha desistido de uma resposta. Ficou sentada na cama, enquanto eu continuava minha pesquisa.

“Acho que encontrei!”

Ela se levantou da cama e veio correndo até perto de mim. Ficou de pé, do meu lado, vendo o site que eu tinha deixado na tela.

“Não estou entendendo nada, Pedro. Explica logo, que coisa!”

Peguei na escrivadinha um pedaço de papel. Peguei a caneta, voltei para a tela do computador e anotei aquele endereço.

Depois disse:

“É aí que a minha mãe está.”

● 6

QUANDO MARINA me perguntou se eu queria que ela fosse comigo, pensei em responder que sim, mas acabei respondendo que não. Precisava resolver aquilo sozinho. Não sabia o que me esperava quando chegasse na clínica.

“Então promete que vai me contar tudo depois.”

“Prometo.”

“E promete que vai ligar se der algum problema.”

Comecei a rir.

“O que foi? Do que você está rindo?”

“Achei engraçado. Você está parecendo a minha mãe.”

Ela ficou me olhando, com um meio sorriso no rosto. Depois me abraçou. Era um abraço bom e eu poderia ter ficado ali a vida inteira. Foi isso que pensei na hora: vou ficar aqui a vida inteira.

Mas precisava ir logo até a clínica. Minha intuição me dizia que dessa vez não teria erro, eu iria encontrar minha mãe.

“Só uma coisa”, Marina me disse, quando eu já estava de saída.

“O que foi?”

“Você sabe o que significa a palavra psiquiátrica, não sabe?”

“Não entendi.”

“No site está escrito: Clínica Psiquiátrica Santa Cecília. Você sabe o que isso significa, não sabe?”

“Que minha mãe pode ter ficado doida? É isso que você está querendo dizer?”

“Não, só queria saber se você estava preparado. A gente não pode adivinhar como sua mãe está. Pode estar bem, mas pode estar mal. Ou pode nem estar lá.”

“Fica tranquila, estou sabendo disso tudo.”

• • •

Peguei o ônibus e desci na rua da clínica. Não foi difícil achar. Era uma casa bem grande, de dois andares, pintada de verde-claro, com as portas e as janelas brancas. Ficava na parte mais baixa de uma ladeira e do alto dava para ver todo o terreno da clínica.

Era cercada por um muro e tinha um jardim enorme, cheio de árvores. Cheguei mais perto. O portão era feito de grades de ferro e dava para ver através dele.

Não quis entrar logo. Fiquei observando o ambiente dali mesmo, em pé, do lado de fora. Um segurança se aproximou e perguntou se eu desejava alguma coisa. Disse que não e saí.

Contornei o terreno. Nos fundos havia outro portão, parecido com o da entrada. Ali o segurança não podia me ver. Fiquei observando. Fazia um dia bonito, de

sol, mas não muito quente. Havia umas pessoas usando avental, imaginei que fossem os pacientes da clínica. E havia enfermeiras também, tomando conta do pessoal. Alguns estavam sentados nuns bancos de madeira, tomando sol. Outros passeavam por lá.

Fiquei procurando a minha mãe no meio deles. Me deu uma sensação estranha. Queria vê-la, claro, mas ao mesmo tempo torcia para que ela não estivesse ali. Não gostaria de vê-la naquele lugar, misturada com aquelas pessoas tão sofridas (eu achava que eram sofridas, talvez nem fossem, quem sabe?).

Mas se ela não estivesse com eles, significava que estava morta. Minha cabeça começou a doer (sinal de que eu estava pensando coisas complicadas e perigosas). Era uma dor fininha, bem em cima do olho esquerdo. E a dor tinha a ver com um pensamento que me veio na hora: não seria melhor se minha mãe estivesse morta mesmo? Não seria melhor do que ela estar naquela clínica?

Afastei logo o pensamento. Procurei identificar minha mãe. Não, ela não estava lá. Talvez estivesse noutra lugar, não dava para ter certeza, não sabia se todos os pacientes estavam no jardim. Quem sabe alguns estivessem dormindo ou vendo tevê.

Eu teria que entrar e perguntar por ela.

E foi então que vi uma enfermeira saindo de dentro da casa, empurrando uma cadeira de rodas. Na cadeira estava uma mulher de avental azul, de cabelos compridos, um pouco grisalhos.

Era ela. Aquela mulher era a minha mãe.

• • •

Meu coração começou a bater forte, parecia que ia sair pela boca. Quis gritar, mas a voz não saía. Estava me faltando ar e achei que fosse ter um troço.

A enfermeira veio caminhando na minha direção. Eu não tinha a menor dúvida: era a minha mãe na cadeira de rodas.

“Mãe!”, consegui gritar.

Comecei a pular, a balançar os braços.

“Mãe! Aqui, mãe! Sou eu, o Pedro! Mãe!”

Ela olhou na minha direção. E sorriu.

Mas não era para mim que ela estava sorrindo. Era óbvio que ela não estava me reconhecendo. Ela sorriu e me deu tchau, mas tinha uma expressão meio abobada no rosto, estava sorrindo e acenando para aquele garoto que pulava feito um macaco e não parava de gritar, para aquele menino do outro lado do portão, não era para o filho que estava fazendo aquilo, era para um desconhecido.

Corri desesperado até a entrada da clínica. Atravessei o portão e disparei na direção do jardim. Senti o segurança me pegando pela cintura.

Espernei, gritei, mas o cara continuou me levando para fora da clínica. Estava todo mundo vendo o escândalo que eu estava fazendo.

Quando já estava na frente do portão, ouvi alguém pedir para o segurança me soltar. Ele obedeceu. Era a diretora da clínica. Estava na recepção quando me viu fazer aquela barulheira toda.

“Quem é você, meu filho?”

“Não sou seu filho.”

Ela não gostou da resposta.

“O que você quer aqui?”

“Vim falar com a minha mãe.”

“Sua mãe? Quem é a sua mãe?”

Apontei para minha mãe, na cadeira de rodas. Minha mãe me acenou de novo, como da primeira vez.

A diretora olhou na direção que eu estava apontando. Ficou um tempo em silêncio, a boca meio aberta, como se não estivesse acreditando no que via. Depois disse:

“Ah, meu Deus.”

• • •

Fomos até uma sala, no interior da clínica. A diretora pediu que eu me sentasse, me ofereceu água, perguntou se eu queria beber ou comer alguma coisa. Respondi que não.

“Vou dar um telefonema e já volto”, ela disse.

“Você vai chamar o meu tio?”

“Vou. Ele precisa saber que você está aqui.”

“O que aconteceu com a minha mãe? Por que você não me deixa falar com ela?”

“Calma, tudo vai se resolver. Qual é o seu nome?”

“Pedro.”

“Pedro, preciso conversar com seu tio primeiro. Não posso deixar você ver sua mãe sem falar com ele antes.”

“Mas o que aconteceu com ela?”

“Você vai saber de tudo, vamos esclarecer tudo isso.”

Tentei sair correndo, mas ela foi mais rápida e fechou a porta.

“Escuta, Pedro, assim não vai dar.”

“Preciso ver a minha mãe, é difícil entender? Meu tio disse que ela estava morta, que tinha morrido no acidente, mas não morreu! Ele mentiu, ela está viva, lá fora, na cadeira de rodas!”

“Eu sei, mas não vamos resolver as coisas desse jeito. Vamos conversar com seu tio primeiro.”

“Mas você sabe de tudo, sabe o que aconteceu com ela, por que não me conta logo?”

“Olha, me promete que vai se acalmar, que vai ficar sentadinho aí até eu voltar. Ok?”

Não respondi. Ela pediu para eu me afastar um pouco, estávamos perto da porta. Recuei um passo. Ela saiu e fechou a porta.

Olhei em volta da sala. Era toda pintada de branco, mas uma parede era amarela, de um amarelo bem clarinho. Havia uns quadros também. E pela janela dava para ver uma montanha, lá no fundo. Estava quente.

Fui até a janela, que estava aberta. Bebi um copo d'água. Fiquei olhando uma árvore grandona. De repente a árvore começou a balançar. E não era só a árvore. A montanha também começou a balançar. E depois foram as nuvens se embaralhando umas nas outras, e tudo em volta da sala começou a rodar. A última coisa de que me lembro foi que o chão estava se aproximando muito rápido dos meus olhos.

• • •

Quando acordei estava deitado no sofá da sala. Meu tio estava agachado, ao meu lado, e segurava minha mão. A diretora estava atrás dele, de pé.

“O que aconteceu?”, perguntei

“Você desmaiou”, meu tio respondeu.

Eu ainda estava um pouco zozinho. Meu tio me ajudou a sentar direito no sofá. Depois perguntou à diretora se podia ficar a sós comigo. Ela respondeu que sim e saiu, fechando a porta.

Meu tio se sentou numa cadeira, bem perto de mim.

“Está tudo bem com você? Quer alguma coisa?”

“Não.”

Ele ficou segurando minha mão por um tempo, depois disse:

“Pedro, você me perdoa?”

Fiquei de cabeça baixa, em silêncio.

“O que eu fiz foi errado, mas não fiz por mal. Juro! Eu só queria o seu bem, desde o início eu só queria o seu bem.”

Continuei de cabeça baixa, mas dava para perceber que meu tio estava com dificuldade de dizer o que tinha a dizer. Talvez não soubesse como começar. E não seria eu que iria ajudar.

Levantei o rosto e fiquei olhando bem dentro dos olhos dele. Ele desviou o olhar.

“Por que você mentiu?”, perguntei.

Ele se levantou, andou um pouco, depois se sentou de novo na cadeira.

“Sua mãe sofreu mesmo um acidente de carro, exatamente como eu contei. E ficou internada um bom tempo no hospital, entre a vida e a morte. Não menti sobre isso, é tudo verdade.”

“Mas você disse que ela estava morta!”

“Achei que seria melhor do que contar a verdade. O acidente foi muito grave, Pedro. Sua mãe teve que fazer várias cirurgias. Ficou paraplégica, como você viu. E teve uma série de outros problemas. O pior deles foi no cérebro.”

“O que ela teve?”

Ele passou a mão na cabeça. Estava nervoso.

“Pedro, sua mãe não se lembra de mais nada.”

“Como assim, não se lembra?”

“Ela está com amnésia. Não se lembra de nada do que aconteceu antes do acidente. Não se lembra do que fazia, de quem era. Não se lembra de mim. E não vai se lembrar de você.”

“Claro que ela vai se lembrar de mim. Ela escreveu que me amava mais do que tudo nesse mundo, não escreveu? Escreveu naquela carta!”

“Como é que você sabe disso?”

“Eu li a carta. Mexi nas suas coisas.”

“Por quê, Pedro?”

“Porque não confio em você. Sabia que você estava mentindo e precisava descobrir onde minha mãe estava.”

“Eu não sabia como contar que sua mãe tinha ficado assim. O médico disse que o quadro dela é praticamente irreversível. Isso quer dizer que sua mãe nunca mais vai se lembrar de nada, entendeu?”

“Você disse *praticamente*. Então existe uma chance dela recuperar a memória, não é?”

“Uma chance muito pequena.”

Ele puxou a cadeira e chegou um pouco mais perto.

“Eu não sabia o que fazer. É minha única irmã, Pedro, você sabe disso. Ela e você são a minha única família. Fiquei muito abalado com essa coisa toda, não conseguia raciocinar direito e então fiz o que fiz. Achei que você ainda era muito jovem, que não ia conseguir enfrentar bem uma situação dessas.”

“Mas achou que eu ia conseguir enfrentar a notícia da morte da minha mãe! Que piada!”

Ele ficou calado um tempo, olhando para o chão. Depois disse:

“Eu ia lhe contar.”

“Ia? Quando?”

“Na viagem que queria fazer com você, lembra? Quando vi aquele menino na Alemanha, com o *hedge*, percebi que precisava consertar a burrice que eu tinha feito. Por isso pretendia tirar as duas semanas de folga e viajar com você. Queria conviver mais com você, ficar mais seu amigo. E em algum momento da viagem eu ia contar a você toda a verdade.”

“Sabe de uma coisa, tio?”

“Diga.”

“Não acredito numa palavra do que você disse. Não acredito em você.”

• • •

Meu tio ficou rodando pela sala. Parecia um bicho na jaula. Aquilo começou a me irritar.

“Quando é que vou poder ver minha mãe?”

Ele ficou de pé, na minha frente.

“Tem certeza de que você quer ver sua mãe?”

“Tenho.”

“Ela quase não fala, Pedro. E quando fala, não diz coisa com coisa. Sua mãe está muito mal e o médico me disse que a tendência é piorar.”

“Piorar?”

“Pensa bem. Talvez seja melhor deixar sua mãe como está. Deixa que eu e o pessoal da clínica cuidamos dela.”

Eu me levantei, de uma vez, e ainda senti um pouco de tontura. Meu tio me amparou. Eu disse que não precisava de ajuda, estava tudo em ordem.

“Quero ver minha mãe”, repeti.

Nessa hora a diretora bateu na porta e logo depois entrou. Meu tio conversou com ela na minha frente.

“Poder pode, se não for por muito tempo e se o senhor autorizar”, ela disse.

Fiquei olhando para o meu tio.

“Você tem certeza mesmo?”, ele voltou a perguntar.

“Tenho.”

Sáímos e fomos até o jardim.

Ela ainda estava lá, mas agora debaixo de uma mangueira, na sombra. A enfermeira lia um livro, sentada num banco ao lado da cadeira de rodas. Chegamos mais perto. A enfermeira fez sinal, pedindo silêncio.

Minha mãe estava dormindo. Me agachei e fiquei vendo seu rosto.

Ela havia envelhecido muito. O cabelo estava todo branco e com algumas falhas aqui e ali. E o rosto estava ressecado, meio amarelo, com rugas que eu nunca tinha visto. Mesmo assim minha mãe parecia um anjo. Meu tio colocou a mão no meu ombro. Tapei o rosto com as mãos e comecei a chorar, bem baixinho para não acordá-la.

Mas ela acordou. Quando voltei a vê-la, ela olhava para mim. Os olhos da minha mãe não tinham brilho nenhum. Ela olhava para mim e balançava a cabeça, como que dizendo: não, não chora. Mas não era para mim que ela dizia aquilo, ela não estava me reconhecendo.

A diretora se aproximou e disse que era melhor a gente ir embora.

Fui me levantando, devagar. Fomos caminhando na direção da saída da clínica. Quando estava atravessando o portão, me virei para o meu tio e dei um abraço nele, bem forte. Precisava abraçar alguém. E precisava ser com força.

• • •

Na hora de cozinhar, tudo depende da medida. Foi minha mãe quem me ensinou isso.

Você pode ter todos os ingredientes e fazer tudo direitinho, conforme a receita. Mas se exagera um pouco no sal, por exemplo, vai ficar uma porcaria. Se você deixa

um bolo no forno mais tempo do que o necessário, ele vai queimar no fundo. Se deixar menos, vai ficar intragável.

Algumas pessoas, quando vão passar para alguém uma receita, não dizem exatamente qual é a quantidade de cada coisa. Dizem, por exemplo: um pouquinho de manjerição. Mas quanto é um pouquinho? Ou então: uma pitada de pimenta-do-reino. E você que se vire para medir uma pitada. Às vezes não faz muita diferença, mas em certas receitas isso pode virar uma verdadeira catástrofe culinária.

Na natureza a medida também é fundamental. Uma chuva pode ser uma coisa maravilhosa para a sua plantação, mas também pode ser um desastre. E você mesmo, se quiser regar o seu jardim, tem que prestar atenção e saber que algumas plantas gostam de muita água e outras de pouca. Se você regar demais um canteiro de gerânios (como o que havia no apartamento da minha mãe), eles podem até morrer.

E o sol então? O sol é fundamental para as plantas, mas em excesso pode arrebentar com uma porção delas. Um lírio deve ficar na sombra (mas não o dia inteiro, só nas horas de sol muito quente). Caso contrário, as folhas dele vão ficar queimadas e as flores jamais vão dar o ar da graça.

Com as pessoas também acontece algo parecido. Se você falar muito baixo, o outro não vai ouvir. Se falar alto demais, ele vai achar que você está querendo briga.

Ou se você diz para uma menina que ela está linda naquele vestido. Ela vai gostar, não vai? Depende. Depende

de como você diz. A sua frase pode significar justamente o contrário: o vestido dela é horrível e ela está horrorosa dentro dele. Isso também tem a ver com medida.

E na seção “abraços” a coisa fica mais complicada ainda. Há várias formas de abraço. Você pode abraçar mais forte, mais fraco, médio. Se você comparar, vai ver que cada pessoa abraça de um jeito. E uma mesma pessoa pode abraçar de várias formas diferentes, dependendo de quem ela esteja abraçando.

E digo mais: uma mesma pessoa pode abraçar outra mesma pessoa (o namorado, por exemplo) de modos diferentes, dependendo da situação.

Eu não me lembrava de ter recebido um abraço do meu tio. É provável que ele tenha me abraçado sim, quando eu era bem pequeno ele deve ter me pegado no colo e deve ter me apertado como se apertam os bebês e as crianças pequenas, mas não tenho memória dessa época. Do que posso me lembrar, realmente não há nenhum abraço do meu tio, nem no meu aniversário (era só um aperto de mão e, de vez em quando, uma brincadeira com meus cabelos).

E também não me lembro de ter abraçado o meu tio, como fiz naquele dia, na saída da clínica. Nem ele tinha me abraçado antes (eu pelo menos não me lembrava), nem eu tinha abraçado ele.

Por isso ficava difícil comparar aquele abraço que dei nele com um abraço anterior. Difícil não, impossível. Só podia comparar aquele abraço com outros que eu tinha dado em outras pessoas, como na minha mãe.

Foi nisso que pensei naquela hora: aquele abraço forte que dei no meu tio era um pouco parecido com alguns que eu tinha dado na minha mãe. Mais exatamente, era como uns abraços que dei na minha mãe quando eu estava sentindo medo, muito medo.

• • •

“Quando é que você vai lá de novo?”, Marina me perguntou.

Estávamos sentados num banco da praça. Tinha contado a ela toda a história, tudo o que havia acontecido na clínica.

“Não sei.”

“Quando você for, posso ir também?”

Pensei um pouco.

“Acho que não.”

“Por quê?”

“Minha mãe não está bonita. Não é uma pessoa agradável de ver, não agora.”

“Eu não me importo com isso.”

“Mas eu me importo. Não quero que ninguém veja minha mãe desse jeito.”

Ela ficou em silêncio. Fazia um calor danado e ficamos os dois olhando umas crianças na carrocinha de sorvete. Eram dois meninos pequenos. Gêmeos. Faziam uma lambança danada com os picolés que a mãe tinha comprado para eles. A mãe dava bronca mas não estava adiantando muito.

“Quantos anos você acha que aqueles dois têm?”, perguntei.

“Sei lá. Três, quatro.”

“Será que eles vão se lembrar disso no futuro? Será que quando eles tiverem a nossa idade vão se lembrar dessa cena, deles dois na praça, lambuzando a roupa com picolé?”

Ela não respondeu na hora. Voltamos a ficar em silêncio por um instante.

“Acho que não. São muito pequenos ainda”, ela disse, finalmente.

“Você se lembra de alguma coisa de quando você tinha três anos?”

“Não que eu me lembre.”

Ela falou a frase e ficou me olhando. Depois de uns segundos eu e ela nos tocamos de que era uma frase engraçada, ou pelo menos meio maluca. Ela começou a rir. Eu também. Não tinha tanta graça, mas acho que a gente estava precisando rir, mesmo que fosse de uma coisa boba.

Os dois meninos passaram pela gente e riram também, sem ter a mínima ideia do que se tratava. Os dois estavam sem camisa, com rios de picolé de groselha descendo pela barriga.

Enquanto olhava para a barriga imunda dos garotos senti a mão de Marina encostada na minha. Era uma sensação boa, aquela pele macia, tocando suavemente a minha mão, quase sem pressão nenhuma, como se fosse uma borboleta que tivesse pousado ali.

Virei o rosto na direção dela. Marina sorriu para mim, bem de leve, só com o cantinho dos lábios. E foi aí que nos beijamos pela primeira vez. Na boca.

• • •

No caminho da clínica, dentro do carro, meu tio me perguntou se eu já tinha escolhido aonde queria ir na nossa viagem. Ele continuava insistindo nisso, parecia uma coisa muito importante para ele essa viagem comigo.

“Não sei, tio, você escolhe.”

Ele ficou me olhando pelo retrovisor. Eu estava no banco de trás do carro. Na frente estavam ele e Marina (eu havia mudado de ideia e concordei em levá-la para ver minha mãe).

“Pensa, você ainda tem uma semana. Viajo amanhã e na volta você me diz. O melhor seria você decidir logo, precisamos planejar tudo.”

“Planejar o quê? É só uma viagem, não é?”

Marina se virou discretamente e olhou para mim. Pelo olhar, senti que estava me censurando. Ela achava que eu devia dar uma chance para o meu tio, mas eu ainda não tinha me decidido sobre isso.

Fiquei olhando a paisagem pela janela do carro. Assim como há vários escuros dentro da noite, há vários claros dentro do dia. Comecei a me concentrar em alguns deles, enquanto meu tio dirigia em torno da Lagoa.

Havia o claro das folhas das árvores e o claro do tronco das árvores, que eram, obviamente, diferentes. E

os claros da montanha lá no fundo, com mil variações de verde. Havia também os claros das roupas das pessoas que caminhavam, corriam ou andavam de bicicleta. Os claros dos barcos, então, beiravam o infinito. E se for contar dos claros que podia ver nas águas ficaria aqui uns cem anos.

Por um momento fiquei pensando como seriam os claros no rosto da minha mãe. Eu tinha visto seu rosto por tão pouco tempo, não deu para ver os claros, nem os escuros.

Agora poderia reparar melhor, assim que chegássemos à clínica. E poderia também colocar em prática o meu plano. Eu tinha um plano secreto para ajudar minha mãe a recuperar a memória. Um plano secretíssimo, tanto que nem a Marina sabia.

Meu tio me olhou de novo pelo retrovisor. Dessa vez fiquei olhando os olhos dele. Achei que devia dizer alguma coisa, não sei por quê, intuição, achei que devia dizer alguma coisa para o meu tio. E disse:

“Já sei aonde quero ir.”

Ele arregalou os olhos.

“Sério?”

“Quero ir com você e Marina na travessia.”

Ele olhou para a Marina. Ela entendeu, mas ele não, coitado.

“Travessia? Onde é que fica isso?”

Estava pensando na trilha Petrópolis-Teresópolis, claro, mas não falei. Ficamos rindo, eu e Marina, só provocando meu tio.

Aos poucos paramos de rir e ele olhou de novo para mim pelo retrovisor.

“Você vai me explicar isso, não vai, Pedro?”

Olhei pela janela do carro. Eu ia explicar para ele, depois. Ia explicar sim.

• • •

A visita tinha sido combinada antes, para que a gente chegasse na hora em que minha mãe tomava seu banho de sol. Meu tio achou que era melhor eu ver minha mãe no jardim do que no quarto, na cama, onde ela passava a maior parte do tempo.

Quando chegamos, a enfermeira passeava com ela pelo gramado. A médica que cuidava da minha mãe tinha pedido para ir conosco. Ela havia contado que as chances de melhora da minha mãe eram mínimas, mas pensei comigo que a médica poderia estar errada. Todo mundo erra, principalmente os adultos. Por que a médica seria uma exceção?

Minha mãe estava cochilando quando chegamos perto dela. Era efeito dos medicamentos, a médica explicou.

“Quanto tempo ela vai ficar dormindo?”, perguntei.

“É um sono breve. Ela dorme, acorda, dorme de novo. Como se fosse uma criança.”

Não demorou muito tempo e ela abriu os olhos. Segui seu olhar e vi que era na direção de umas árvores depois do muro. Devia haver um quintal lá atrás, com

um pomar. Rastreei o olhar da minha mãe e vi que ela olhava para uma goiabeira.

O que será que ela está procurando?, perguntei a mim mesmo. Será que está vendo os claros da goiabeira? Os escuros da goiabeira?

Minha intenção era colocar logo meu plano em prática, mas precisava que minha mãe pelo menos olhasse para mim.

“Mãe”, eu disse.

Ela não se moveu. Continuou olhando para o outro lado do muro.

“Ela não sabe quem você é, Pedro, não se lembra de você”, a médica disse baixinho, no meu ouvido.

“Mãe, sabe aquele garoto que queria ser mergulhador?”

Ela desviou o olhar, mas não se virou para mim. Ficou vendo a montanha. Depois foi fechando os olhos, como se fosse dormir de novo.

“Mãe, não dorme não. Sabe o garoto que queria ser mergulhador? Sabe, mãe?”

Ela deve ter se assustado porque falei meio alto. Ficou séria dessa vez.

“Mãe, o mergulhador, o menino que sonhava, lembra agora?”

Ela continuava me olhando, mas era como se não olhasse.

“Pedro, acho melhor a gente ir”, meu tio falou.

A médica fez uma cara que só poderia significar uma coisa: meu tio tinha razão, era melhor a gente ir andando. Meu plano não tinha dado certo.

Achei que se eu falasse do livro dela minha mãe poderia se lembrar de alguma coisa, de uma cena, um personagem, sei lá. E se ela se lembrasse do romance poderia depois se lembrar de outras coisas também. E quem sabe, no final, acabasse se lembrando de mim. Esse era o meu plano.

Eu precisava fazer algo para mudar aquela situação, por isso pensei na estratégia de falar do livro. A verdade é que eu já não sabia mais a que distância minha mãe estava de mim e essa dúvida me angustiava. Ela estava ali, bem na minha frente, eu podia ver minha mãe, podia tocar minha mãe, mas ao mesmo tempo ela parecia estar a milhares de quilômetros daquele lugar, talvez estivesse até noutro planeta, noutra galáxia! Nem sempre é fácil você dizer qual a distância exata das coisas, é o que eu penso, e às vezes isso pode ser muito triste.

Minha mãe fechou os olhos e cochilou de novo. Não tinha sido dessa vez, mas eu continuaria tentando. Continuaria falando do livro que ela escreveu ou de outras coisas de que ela gostava. Continuaria tentando até ela se lembrar de alguma coisa, pequena que fosse.

Dei um beijo na testa da minha mãe. Meu tio me puxou, devagar, e prometeu me levar de novo no dia seguinte.

Fomos caminhando pelo jardim. De repente ouvi a enfermeira nos chamar.

Virei para trás.

“Acho que ela quer falar alguma coisa”, a enfermeira disse.

Corri na direção da minha mãe. Me ajoelhei na frente dela e abracei suas pernas. Ela ficou imóvel e muda.

“Ela chamou você de um nome estranho”, a enfermeira sussurrou no meu ouvido.

“Que nome?”, perguntei.

“Não entendi direito.”

Olhei para a minha mãe.

“Mãe, o que foi que você disse? Repete, por favor.”

Ela não dizia nada, só ficava me olhando.

Olhei para a médica. Ela fez sinal para que eu me levantasse. Parecia não acreditar que minha mãe fosse dizer alguma coisa.

Me levantei e quando já ia saindo minha mãe esticou o braço na minha direção, como se estivesse querendo me chamar. E disse, olhando para mim:

“Christopher.”

• • •

Antigamente as pessoas costumavam observar as estrelas para saber se no dia seguinte ia chover ou não ou se aquele inverno seria mais frio do que o do ano anterior. De vez em quando erravam porque não era um método muito científico.

Hoje os cientistas já inventaram vários equipamentos de precisão para prever o que a natureza está tramando. O satélite é um desses equipamentos.

Mas nem assim eles conseguem prever exatamente o que a natureza vai fazer. Um satélite pode ser uma

máquina muito boa, mas é comum os cientistas errarem porque de repente um terremoto resolveu mudar de direção ou ganhar uma intensidade que eles não tinham previsto.

É claro que se você fizer besteira já sabe mais ou menos como a natureza vai reagir. Li uma vez, numa revista, que teve uma época em que os pardais estavam atacando as lavouras chinesas e o governo da China achou que poderia resolver o caso simplesmente matando os pardais, o que foi uma grande bobagem.

Os governantes chineses chamaram o povo todo para uma verdadeira matança. Criaram o Dia Nacional do Extermínio dos Pardais. Você matava o pardal, mostrava o pardal morto para o governo e em troca recebia uma recompensa.

Fico imaginando como deve ter sido triste ver aquele monte de gente matando pardal de todo jeito, com pedra, pau, sei lá mais o quê. E o resultado era de se esperar: com o extermínio dos pardais, os gafanhotos fizeram a festa, é óbvio. As lavouras tinham agora outro inimigo. E sorte da China que não criaram o Dia Nacional do Extermínio dos Gafanhotos.

Então, como ia dizendo, algumas coisas você pode prever na natureza. Mas outras não. Se o céu está todo escuro, com trovoadas e tudo o mais, você nem precisa ser cientista para prever que vai cair um toró. Mas não pode prever exatamente quanto tempo ele vai durar.

A natureza é imprevisível, isso é o que estou querendo dizer. E se você não pode prever o rumo e a

intensidade de um terremoto, mesmo sendo um cientista e tendo um satélite para ajudar você, imagina como prever outras coisas.

Com as pessoas também acontece o mesmo. Não é possível prever quando uma pessoa vai ou não se lembrar de determinada coisa. Ninguém pode prever um negócio desses, mesmo se for o cientista mais inteligente do mundo. Nem se for um vidente vai conseguir.

Você seria capaz de prever do que exatamente vai se lembrar daqui a três segundos? Duvido.

• • •

“Vocês ouviram? Ela me chamou de Christopher. Ouviram?”

“Quem é Christopher?”, meu tio perguntou.

Me agachei novamente e abracei os joelhos da minha mãe.

“É melhor a gente deixar ela descansar um pouco agora, não é, Pedro?”, a médica falou.

Minha mãe voltou a me olhar e dar novamente aquele sorriso que não era para ninguém. Ela não estava me reconhecendo, mas pelo menos tinha se lembrado do Christopher!

No caminho fui falando com a médica. Estava muito excitado e ela não deve ter entendido nada.

“Eu perguntei a ela sobre o menino que queria ser mergulhador. Achei que ela não tivesse se lembrado, mas ela se lembrou sim! Ela misturou o menino com o

Christopher. E misturou o Christopher comigo. Ela se lembrou, entendeu? Minha mãe se lembrou!”

Marina pegou na minha mão, discretamente. Dei um abraço apertado nela. Era a única ali que sabia exatamente o que eu estava querendo dizer.

No consultório, já um pouco mais calmo, expliquei tudo para a médica e ela ficou impressionada. Era um sinal sim. Um ótimo sinal, ela afirmou.

“Mas você não deve criar muitas expectativas não, Pedro. Pode ser um indício de que sua mãe vai recuperar a memória, mas também pode ser que não resulte em nada. Ainda é muito cedo para saber.”

Ela podia estar certa, do ponto de vista da medicina. Parecia uma médica competente. Mas eu sabia que aquilo não era uma coisa à toa, que não ia dar em nada. De onde minha mãe tirou aquele nome, se eu não tinha dito nada a ela sobre o Christopher? Tirou lá da memória, claro, não havia outra explicação.

Sáimos da clínica e pedi ao meu tio que parássemos numa pizzaria.

“Mas você almoçou faz pouco tempo, Pedro, e vai comer pizza?”

“Vamos, tio, por favor.”

Fomos nós três a uma pizzaria. Eu estava muito feliz. Num momento em que paramos de conversar, fiquei observando os claros no rosto da Marina.

Fiquei um tempo calado, olhando Marina. Ela não estava entendendo. Começou a rir, perguntou o que era que eu estava fazendo. E meu tio só vendo aquilo.

“Quatro”, eu disse.

“O quê? Quatro?”, ela perguntou.

Não expliquei na hora. Continuei olhando.

“Não, quatro não, cinco. Achei mais um.”

“Achou o quê, Pedro? Fala logo, para com isso.”

“Os claros. Achei cinco claros no seu rosto. E dois escuros também.”

• • •

Tudo na natureza está sempre mudando. Veja o caso da chuva. Parte da água dos rios, lagos, oceanos etc., parte dessa água evapora e vai parar na atmosfera. Dali ela é condensada e volta à terra, na forma de chuva (ou de neve, ou de granizo).

Você pode dizer que isso apenas prova que a natureza não muda, que funciona sempre do mesmo jeito. Mas você não diria uma coisa dessas se pensasse que a água que sai não é a mesma que volta. A água faz uma viagem incrível pelo espaço e por isso nunca é a mesma de quando saiu.

E veja o caso do Everest, por exemplo. É considerado o ponto mais alto do planeta. Tem quase nove quilômetros de altura. E você sabia que ele está crescendo? Crescendo, que nem gente, que nem planta!

Os cientistas descobriram que o monte cresceu cerca de dois metros em sessenta anos. Pode não fazer a mínima diferença para você, mas vai fazer para o cara que resolver subir a montanha.

E o Everest não apenas cresce como também se move. Ele anda mais ou menos seis centímetros por ano, na direção nordeste.

Os cientistas explicaram que o Everest está crescendo e mudando de lugar por causa de uma falha nas placas tectônicas que arrasta a Índia na direção do Nepal e da China. Quer dizer, o Everest se move e a Índia também!

Por isso é praticamente impossível você ter certeza das coisas. Se na prova de geografia perguntarem a você qual a altura do Everest, você pode responder tranquilamente: não sei. E duvido que alguém na sua escola saiba.

Na verdade você vive cercado de dúvidas. Você é que nem uma ilha, cercado de dúvidas por todos os lados.

Claro, há exceções. Se você jogar um balde d'água sobre a sua cabeça, sabe que vai ficar molhado. E se depois você colocar o dedo na tomada, sabe que vai levar um choque daqueles!

Outra certeza: você sabe que vai morrer um dia. Pode não saber quando (e aí está uma dúvida), mas sabe que vai. E se você tiver um *hedge*, sabe que um dia ele também vai morrer. Tudo que está vivo vai morrer um dia, essa é uma das poucas certezas que você pode ter.

Eu, particularmente, tenho outra. É uma certeza tão certa que chega a me dar tontura quando penso nela. Cheguei até essa certeza depois de ter pensado em algumas coisas e também por pura intuição, por sentir que a minha certeza é de fato uma certeza e não uma dúvida disfarçada.

E se você quer saber qual é, vou lhe dizer. Mesmo que todo mundo diga que não, mesmo que pareça impossível, tenho certeza de que um dia, mais cedo ou mais tarde, minha mãe vai se lembrar de mim.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



FLÁVIO CARNEIRO nasceu em Goiânia, em 1962. Mudou-se para o Rio de Janeiro no início de 1980 e hoje mora em Teresópolis. Escritor, crítico literário, roteirista e professor de literatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Flávio publicou mais de uma dezena de livros e ganhou diversos prêmios, como o Jabuti e o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Pela Edições SM, publicou também *Prezado Ronaldo*.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

FONTES Unit Rounded e Augereau

PAPEL Offset 90 g/m²